

Rogério de Carvalho Lima
DRE. 098129131

APOSTOLADO HERÓICO:
A atuação do
Serviço de Assistência Religiosa do Exército
Brasileiro, no Teatro de Operações da Itália no período de 1944 a 1945.

Monografia de Bacharelado apresentada ao Curso De Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Renato Luís do Couto Neto Lemos

IFCS, Rio de Janeiro, RJ
2005

FOLHA DE APROVAÇÃO

Rogério de Carvalho Lima
DRE.:098129131

TÍTULO: APOSTOLADO HERÓICO:
Um relato da atuação do Serviço de Assistência
Religiosa do Exército Brasileiro, no Teatro de Operações
da Itália no período de 1944 a 1945.

Rio de Janeiro, RJ, 12 de junho de 2005.

Prof.º _____
(Renato Luís do Couto Neto Lemos, Doutor em História Social, UFF)

Prof.º _____
(Marcos Luiz Bretas da Fonseca, Doutor em História)

***"Com a ajuda de Deus e inspirados por ele",
marchareis para vitórias tão grandes quanto
decisivas".***

**General Mark Clark
Comandante do V Exército americano
na Campanha da Europa**

AGRADECIMENTOS

Como de costume a lista é longa e, provavelmente poderei esquecer alguém. E um primeiro momento deve a idéia deste trabalho ao professor José Murilo de Carvalho, que ao ministrar uma de suas aulas despertou-me o interesse de pesquisar sobre a relação do aspecto religioso no âmbito militar. Quando comentei com ele o meu interesse pelo objeto, ele me falou de seu tio Sebastião Boanerges Ribeiro e como tinha prefaciado o "diário de um pracinha", me relatou que estivera impressionada com a recorrência de momentos ligados a religião em plena guerra. Agradeço por me presentear o diário de seu tio e me incentivar a pesquisar sobre o assunto, tão pouco trabalhado no meio acadêmico.

Aos professores da graduação do Departamento de História, em específico dos dois programas: História Social e História Comparada do IFCS/UFRJ, pelo acompanhamento e pelo conhecimento oferecido que incorpora diversas partes deste trabalho. Agradeço em especial, ao professor Renato Lemos, meu orientador, cujo acompanhamento e incentivo foram fundamentais para a concretização do trabalho. Suas leituras e re-leituras dos originais resultaram em "pistas" que foram percorridas e preenchidas lacunas, dando corpo a este trabalho.

Ao professor Marcos Bretas, que ao saber que estava pesquisando sobre religião e Exército, prontamente me cedeu uma Dissertação de Mestrado de um aluno que ele orientou no Curso de Mestrado em Ciência Social da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Ao professor Francisco Carlos, que também se interessou e me incentivou a pesquisar um objeto não muito privilegiado na comunidade acadêmica e se ofereceu para avaliar os primeiros ensaios deste trabalho, pois sua área de pesquisa esbarra no contexto social pesquisado, que é o conflito armado da Segunda Grande Guerra.

Não poderia deixar passar em branco a bibliotecária do Acervo da Biblioteca da sede nacional dos Veteranos da FEB, dona Ângela, que todas as vezes que solicitava a bibliografia, esta prontamente e cordialmente me auxiliava com toda paciência. Ao amigo pastor Santiago, que por ocupar a graduação de sargento e trabalhar no Arquivo Histórico do Exército, me auxiliou de uma forma expedita buscando e vasculhando junto comigo as fichas e cadastros dos capelães que foram para a reserva; o Subtenente Mauro que por diversas vezes me auxiliou no levantamento de fontes primárias sobre este objeto, o bibliotecário da BiBLIEx, muitas das vezes este solícito quando requisitava uma obra para reproduzir na xerox.

Ao amigo professor Paulo que pacientemente procedeu a revisão em meu português algo um tanto problemático.

A minha família, minha querida esposa e companheira Édima e meu filho Fillipe que souberam entender a minha ausência, pelas muitas horas que não lhe dei a atenção merecida, envolvido em uma atividade, não sem razão, mas que compreendeu a importância que representava este curso para minha vida profissional.

Ao amigo pastor James Vasconcelos Mesquita, que por ocupar o cargo de Capelão Adjunto do Comando Militar do Leste, esteve muitas das vezes ao meu lado no desenvolvimento deste trabalho. Sua conduta ilibada ajudou-me cada vez mais a olhar para o objeto da pesquisa com um olhar de contextualização, pois ao meu ver, este militar exemplar não deixa a desejar em nenhum dos atributos elencados pelos capelães da FEB; como o patrono Frei Orlando, pastor Soren, pastor Juvenal entre outros que se destacaram nos campos da Itália.

O trabalho foi escrito sempre como "nós" em respeito a colaborações destas diversas pessoas que foram importantes para seu desfecho, ressaltando é claro que as deficiências são de minha inteira responsabilidade.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO:

Por que pesquisar a atuação do Serviço de Assistência Religiosa durante a 2ª Guerra Mundial ?.....	9
Capítulo I: Breve Histórico da atuação do Serviço de Assistência Religiosa na Tradição Militar.....	15
1.1. A Criação da Força Expedicionária Brasileira.....	23
1.2. Criação do Serviço de Assistência Religiosa da Força Expedicionária Brasileira.....	29
Capítulo II: O Capelão Militar e sua formação profissional.....	44
2.1. A formação intelectual do sacerdote e do ministro evangélico.....	50
2.2. A formação espiritual do capelão militar.....	53
2.3. O preparo militar dos capelães e sua ambientação.....	58
Capítulo III: O Serviço de Assistência Religiosa junto ao “front” de batalha.....	63
3.1. Em cooperação nos hospitais de campanha.....	71
3.2. Toque de silêncio! Ascende um herói aos céus.....	75
3.3. A preparação para os festejos do Natal dos “pracinhas” e as últimas missões do SAREX.....	82
CONCLUSÃO.....	90
FONTES CONSULTADAS.....	95
BIBLIOGRAFIA.....	97

RESUMO

Neste trabalho propomos relatar a trajetória histórica do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, começando com o relato da atividade religiosa desde o advento do descobrimento do Brasil, quando a armada de Pedro Álvares Cabral aportou na baía de todos os santos (Porto Seguro), e mandou seu capelão celebrar a primeira missa em solo brasileiro.

A partir daí, vê-se o Serviço Religioso em cotidiano trabalho de orientação espiritual e apoio aos integrantes das organizações desbravadoras do interior do país, representado nas Entradas e Bandeiras; após este evento de grande significado para os colonizadores portugueses; durante a guerra do Paraguai, o então Corpo Eclesiástico do Exército Imperial foi solicitado pelo significativo apoio religioso aos soldados de Luiz Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias), que fazia questão de ter sempre como efetivo de sua tropa, um capelão militar.

Com o passar do tempo, este efetivo de religiosos foi extinto ao término do conflito da tríplice aliança. E só foi novamente instituído por ocasião do Segundo Grande conflito mundial, que teve seu início em setembro de 1939 e com o seu término em maio de 1945. É neste contexto que optamos por realizar nossas pesquisas de forma a relatar em específico, eventos que nortearam as ações dos capelães militares do Exército brasileiro no Teatro de Operações da Itália no período de setembro de 1944 a maio de 1945.

INTRODUÇÃO:

Por que pesquisar a atuação do Serviço de Assistência Religiosa durante a 2ª Guerra Mundial?

O presente trabalho é uma investigação sobre a atuação do Capelão Militar durante a Segunda Guerra Mundial, nos anos de 1944 a 1945. O tema abordado exerce um fascínio no tocante a sua complexidade e atualidade, e por ser também, uma pesquisa pouco privilegiada pela comunidade acadêmica. Partimos do princípio que houve uma participação efetiva do SAREX¹ (Serviço de Assistência Religiosa do Exército) em especial, no contexto da religiosidade exercida na Forças Armadas brasileiras; pois, foi esta Força que pela primeira vez que se instituiu o Quadro de Capelães Militares².

Ademais, podemos observar a partir de uma documentação de origem militar, encontramos indícios que apontavam nessa direção, fazendo-nos crer na possibilidade de diversas afirmações e pressupostos, identificando que há uma prática religiosa recorrente por parte dos integrantes do Exército, vista durante a atuação dos capelães, que prestaram assistência religiosa aos militares que compuseram a Força Expedicionária Brasileira durante o conflito contra os países do Eixo³. A Força então solicitava a presença de sacerdotes católicos e pastores protestantes, que eram prontamente nomeados pelas autoridades eclesiásticas e ingressaram nas fileiras das Forças Armadas diretamente à hierarquia militar.

¹ **SAREX.**: Serviço de Assistência Religiosa do Exército, anteriormente qualificado com a sigla SARFA (Serviço de Assistência Religiosa das Forças Armadas).

² **DECRETO LEI** n.º 6.535, de 26 de maio de 1944.

³ **PINHEIRO**, José J. Bastos. A FEB na Segunda Guerra Mundial, p. 16.

Em um primeiro momento, esta pesquisa aborda de forma a relatar como se criou o Serviço de Assistência Religiosa da FEB, a formação intelecto-profissional dos sacerdotes católicos e pastores protestantes que fizeram parte do Quadro de Capelães Militares; e sua ambientação para adaptar-se ao terreno de operações de guerra. Ressaltando principalmente, como estes oficiais assistiam aos combatentes, relatando fatos ocorridos com esses militares, na sua maioria soldados que estavam diretamente em enfrentamento no "front" de batalha e aos feridos nos hospitais de campanha.

Além de perceber na pesquisa, uma recorrente prática da religiosidade desses pracinhas, mesmo que, em momentos de adversidade e antagonismo, deparando-se com o binômio sagrado e profano⁴, prática esta que, devido a estar com suas raízes voltadas para um verdadeiro e grande mosaico religioso que caracteriza o Brasil, como um país-continente e que em suas tradições culturais e religiosas, há uma influência nos diversos setores da sociedade, em especial nas Instituições onde há coletividade, como por, exemplo, nos contingentes do Exército brasileiro.

A escolha do marco inicial em 1944 deve-se ao fato de que, nesse período vive-se momento de preparação e envio dos cinco escalões da FEB para o teatro de operações na Itália. É importante verificarmos que há uma prática da religiosidade por parte dos integrantes que ingressaram na caserna, que deve-se à incorporação de valores ligados a tradição religiosa, tendo em vista que segundo informações extraídas do último censo demográfico, constata-se

serem estes jovens oriundos de famílias na sua grande maioria, de tradição católica, que ostentam muitas das vezes um credo religioso por escolha de seus pais; ou que assimilaram uma conversão aos princípios de fé que mais se identificam, como por exemplo; a fé evangélica que tem crescido bastante a partir do advento da República.

Quando optamos por pesquisar este objeto, perguntaram-me quais seriam as motivações para escrever sobre um objeto não muito apreciado no meio acadêmico e com muito pouca bibliografia que se relata em específico a atuação do Capelão na Segunda Guerra Mundial, pois, as maiorias das publicações pertinentes ao assunto, foram muito pouco trabalhadas e assim como as próprias instituições religiosas na qual esses oficiais pertenceram, não houve o cuidado de preservar a memória desses heróis, que se fizeram presentes em um território hostil, lutando contra os maiores inimigos do combatente brasileiro: a baixa estima, o medo, o desequilíbrio emocional e o espírito de desunião.

Falar do Quadro de Capelães significa percorrer uma história pouco pesquisada, pois entende-se que, quando se fala de história militar, deve-se visualizar e entender que para esses soldados, acima do preparo técnico-militar, está o fator moral individual elevado, a determinação, a coragem, o equilíbrio emocional e o espírito de corpo, atributos que são constantemente cultivados

⁴ **PERNOUD**, Régine. Os Templários. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974 p. 15.

na caserna, e que segundo os doutrinadores militares são valores indispensáveis em operações de combate⁵.

O trabalho segue uma linha de história social, em que se procurou ressaltar as ações do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, que atuou dentro de um contexto real. Na pesquisa, foram utilizadas fontes, como diários de campanha de soldados que participaram intensamente nas batalhas mais importantes que a FEB foi solicitada; biografias que revelam fatos cotidianos de um capelão militar imbuído da missão de prestar assistência religiosa aos militares que se encontravam no “front” e nos hospitais de campanha; vasculhamos também o acervo do Arquivo Histórico do Exército e também o acervo da sede da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, por entender que, nossa abordagem sobre a documentação seria essencialmente regionalizada (Comando Militar do Leste, situado no município do Rio de Janeiro).

Além das fontes sobre história militar e de sociologia foram utilizadas fontes de história da igreja, e periódicos, que narram episódios e datas comemorativas alusivas ao dia do SAREX, ressaltando a memória de seu patrono: Antônio Álvares da Silva (Frei Orlando)⁶.

É importante não se perder de vista o grande número de militares que se identificaram com a contribuição do Capelão durante momentos de extrema agonia, incerteza e temores, sentimentos estes presentes diariamente na vida do soldado brasileiro que deixou sua terra, família e amigos, para lutar em um

⁵ SCHIRMER. Pedro. Das Virtudes Militares, p

território distante e estranho. Diante desse ambiente, onde o profano e o sagrado vão de encontro; identificamos neste quadro preliminar uma base para o desenvolvimento de nossa hipótese.

Foi digno de nota que o SAREX tenha desempenhado uma espécie de seio familiar, prestando aconselhamentos pastorais, ouvindo confissões de moribundos, ajudando aos pracinhas a escreverem para seus familiares, e acima de tudo, levando conforto espiritual e muitas das vezes orientação psicológica para àqueles que não sabiam se retornariam para seu lar.

A presença dos Capelães Militares na segunda guerra foi tão marcante que a Constituição Federal de 1946⁷ normatizou definitivamente este quadro, o que veio a ser explicitado pela Lei 6.923 de 1981, permitindo ao SAREX ter a atual conformação: 49 Capelães, sendo 40 sacerdotes católicos e 9 ministros de culto protestante⁸.

O SAREX teve como objetivo fortalecer o enfraquecido, animar o cansado e abatido, além de alegrar-se com os que tiveram motivos de júbilo na vida; sua proposta foi ser responsável para socorrer enlutados, doentes, entristecidos e angustiados, segundo a normativa da ação religiosa para o Exército. Por outro lado, deverá estar o Capelão Militar empenhado na propagação da mensagem de paz, pois sua atuação nas plagas italianas foi materializada pela palavra de fé, de esperança, de solidariedade, de unidade e prestar os serviços religiosos pertinentes, que estimularam, promoveram e desenvolveram nos “pracinhas”

⁶ **BOLETIM INTERNO.** n.º 52 do 11º RI, de 22 de fevereiro de 1945, impresso em Docce, Itália.

⁷ **DECRETO LEI** n.º 8.921, de 26 de janeiro de 1946.

⁸ **SITE do SAREX.** www.exercito.gov.br

(apelido dado aos praças da FEB) as condições emocionais, morais e espirituais que foram naquela época de conflito, necessárias ao desempenho de suas diversas missões.

Capítulo I: Breve histórico da atuação do Serviço de Assistência Religiosa na tradição Militar

Embora não se possa fundamentar com segurança e precisão histórica documental quando se iniciou a assistência espiritual às Forças de Terra do Brasil, não podemos esquecer da primeira missa campal, celebrada por ocasião do ato oficial de posse de nossa terra, em 1 de maio de 1500; pois juntamente com a Armada de Pedro Álvares Cabral, vieram Sacerdotes Católicos que tiveram como missão precípua de prestar assistência religiosa e moral aos militares portugueses que aqui aportaram.

Remotas tradições militares portuguesas, ao se fundar o condado português, falam dos cruzados que rechaçavam os mouros para o sul da península ibérica, batalhando com "infiéis", ombro-a-ombro com os monges soldados das Ordens Militares. Uma dessas Ordens, a Ordem de Cristo, que incluía em suas fileiras Cavaleiros Templários⁹. Teve como seu Grão-Mestre o Infante Dom Henrique, empreendeu as descobertas marítimas lusitanas, revivendo velhos ideais dos Cruzados¹⁰. Por isso, as caravelas de Cabral traziam velas pintadas com a Cruz da Ordem de Cristo (herança da cruz dos Templários) ligeiramente modificada, e nas caravelas vinham também sacerdotes-missionários franciscanos, cujo superior, Frei Henrique Soares, de Coimbra, celebrou em terras brasileiras a primeira missa para as tropas lusas que iam para as Índias.

⁹ JOHNSON, Paul. História do Cristianismo, p. 290.

¹⁰ CAIRNS, Earle. E. O Cristianismo Através dos Séculos, p. 170.

Podemos, também, ressaltar a atuação das Entradas e Bandeiras. Prestando assistência religiosa, apoio e orientação aos grupamentos que as integravam, estavam, entre estas tropas, sacerdotes das Ordens: Jesuíticas, Franciscana e Carmelita; e eram eles que arregimentavam os índios combatentes¹¹ para, ao lado da coroa portuguesa, repelir os franceses, no Rio de Janeiro, e os holandeses, no Nordeste.

A primeira menção oficial à desses padres combatentes é encontrada num Aviso Régio de 24 de maio de 1741, no qual prescreveu-se a função do Capelão Militar como pároco dos soldados e como tal sujeito à inspeção dos bispos, cujo ministério se dedicava precipuamente aos militares.

Há razões para supor que esses sacerdotes tivessem organização peculiar, pois logo após a independência, entre 1824 e 1831, existia o cargo de Capelão-Mor, ao qual se davam instruções para a sua função e se determinava o seu uniforme, como o dos demais capelães, pelo Decreto de sete de julho de 1825. Por isso, o Serviço de Assistência Religiosa do Exército já existia desde meados do século XIX.

O Governo Imperial com o Decreto n.º 747, de 24 de dezembro de 1850, aprovou o Regulamento da Repartição Eclesiástica do Exército, cujo efetivo era dividido em quatro classes de capelães (ativa, agregados, avulsos e reformados), num total de vinte e quatro sacerdotes, dos quais poderiam ser quatro capitães, seis primeiros-tenentes, 14 alferes (segundos-tenentes)¹².

¹¹ NADAI, E. e NEVES, p. 82.

¹² PALHARES, Gentil. Frei Orlando. O Capelão que não voltou, p. 193.

Com a organização incipiente em 1850, serviram os Capelães nos mais diversos quadrantes do Império e nas Campanhas do Uruguai e do Paraguai, enfim, onde quer que se encontre o Exército Imperial no cumprimento de suas missões. Será mais tarde, em 1874, através do decreto Imperial 5.679 que serão instituídos os direitos e deveres dos integrantes desta Capelania.

"Pelo novo Regulamento, os Capelães eram "considerados parochos dos corpos e estabelecimentos em que servirem". Além das suas competências, cabia-lhes, ainda, "catechisar, quando empregados nas colônias, presídios e fortalezas das fronteiras, os indígenas das tribos vizinhas" (parágrafo 6º, do Art 13, do Regulamento para o Corpo Eclesiástico do Exército)"¹³

Outra figura da história militar foi Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, que atuou em diversas campanhas ostentando a importância de resguardar a soberania do Brasil e a manutenção da ordem interna, jamais deixou o misto de estadista e soldado o exercício da religião de seus superiores e comandados. É o que mostra E. Vilhena de Moraes em sua obra "O Duque de Ferro", em que compara Caxias ao Centurião romano nos Evangelhos:

"Eu, que sou um oficial subalterno, comando os meus soldados, e digo a este e ele vai e aquele vem e ele vem, e ao meu servo faz isto e ele faz" - , revelam uma noção exata da disciplina militar. E quem a teve entre nós mais perfeita, mais nítida, e de modo mais escrupuloso a pôs em prática do que o Duque de Caxias?"¹⁴

Caxias, antes de tudo, era um cristão de fé. Excluir da personalidade desse soldado o aspecto religioso é mutilá-la. Por isso ao ser identificado pelo autor como um instrumento de pacificação da Província do Maranhão¹⁵,

¹³ **Idem, p. 104.**

¹⁴ **MORAES, E. V.** O Duque de Ferro, p. 141.

¹⁵ **NADAI, E. e NEVES, J.** História do Brasil. Da Colônia à República, p. 146.

coloca em evidência as grandes necessidades daquela Província, exclamando que o motivo da região estar em conflito, dizia o militar, ser fruto das necessidades morais, e que seria necessário acima de tudo elevar a religião, pois, viviam esquecidos os habitantes, por falta de sacerdotes.

Durante a Campanha do Paraguai, ao chegar ao acampamento de Tuiuty, entre as mil providências que julgou necessário, escreveu uma recriminação, solicitada por carta ao Ministro da Guerra, para que o fornecesse altares portáteis e paramentos com a finalidade se poder celebrar missas campais. Outro episódio desse militar foi em Lomas Valentinas, onde foi salvo de uma maneira "providencial", em agradecimento a Deus, mandou erguer, em plena campanha, uma capela em homenagem a Nossa Senhora, Padroeira do Império:

*"Levantou-nos uma sinagoga"- insistiram os enviados. Luiz Alves de Lima ergueu igrejas e capelas em pleno teatro da guerra e durante a efervescência da luta dividia com a família dos inimigos o alimento ocasional dos seus soldados."*¹⁶

Não é de admirar, pois, que tivesse, em seu próprio Posto de Comando, um capelão militar e um altar portátil e as instalações necessárias para o culto divino. O grande apreço que Caxias tinha pelo trabalho realizado pelos seus capelães durante a Campanha do Paraguai é notado em sua Ordem do Dia n.º 272, lavrada no Posto de Comando na cidade de Assunção em 14 de janeiro de 1869, ressaltando a importância dos capelães capuchinhos Frei Fidélis D'Avola,

¹⁶ Idem MORAES, Op. Cit., p. 141

Frei Salvador de Nápoles, o Cônego Serafim Gonçalves Silva Passos de Miranda e o Padre Fortunato José de Souza.

Duque de Caxias fazia tanta questão da assistência religiosa à sua tropa, que chegou a dizer: *"Tirai-me meus generais, mas não me tireis meus capelães."*¹⁷

A historiografia militar também registra nos anais através da pena do Visconde de Taunay, a imprescindível participação dos capelães que atuaram no conflito da tríplice Aliança:

*"Outro batalhador feroz, contra a índole da sua classe, foi um scerdote o Padre Carmo, de Minas Gerais. Era dos que mais opinavam avançar-mos sempre, furando, se para tanto era preciso, o Paraguai todo até Assunção."*¹⁸

O mesmo Visconde, em suas Memórias cita outro capelão que desempenhou um papel de importância na guerra do Paraguai, que mesmo enfermo preferiu seguir com a tropa até onde conseguia sustentar as terríveis dores:

*"No Coxim estive o padre Andrade um dos capelães das forças gravíssimamente doente. Creio que passou mais de dois dias anúrico, curtindo as mais cruéis dores. Afinal, após um banho de muitas horas, a contração da uretra cedeu. Caiu, então, em profundo sono de quase um dia inteiro, e acordou bom. Não quis, porém, mais ficar na expedição e voltou ao Rio, viajando deitado no banguê."*¹⁹

Podemos também registrar a postura do Duque de Caxias ao comandar um toque de recolher às vésperas da batalha do Tuiuty, fazendo com que todos

¹⁷ A SENTINELA DA PAZ. Op. Cit., p. 11

¹⁸ TAUNAY, Op. Cit., p. 170.

¹⁹ Idem, p. 243.

os corpos formassem às oito horas da noite, para frente da Bandeira Nacional e rezassem o terço e entoando a velha oração do soldado brasileiro²⁰.

Terminada a Guerra do Paraguai, como aconteceu com outras armas e serviços, o Serviço de Assistência Religiosa também foi reformulado. O Serviço Religioso do Exército, até então denominado Repartição Eclesiástica do Exército, passou a denominar-se Corpo Eclesiástico do Exército, pelo decreto n.º 5.679, de 27 de junho de 1874.

"Nesses oito lustros de dedicados labores que, sem esmorecimentos, diuturnamente, quer na placidez das épocas pacíficas, quer nas tormentosas da guerra cruenta, souberam prestar aos que careciam de sossego de espírito, destacam-se os capelães militares Frei Salvador de Nápoles, Cônego Serafim Francisco Gonçalves Miranda, os Padres Antônio Eustáquio Alves da Silva e Fortunato José de Souza, pelos encômios que mereceram de seus ilustres chefes." ²¹

Através da ordem do Dia do Ajudante General, publicada no mesmo ano de 1874, nas páginas 603 e 609, os registros de alterações durante a vida dos militares em apreço, com promoções, transferências de unidade, licenças, punições, transferências para a reserva, falecimentos tudo, enfim, que se referia aos demais oficiais do Exército, eram lançadas em Boletim e posteriormente publicadas em Diário com a finalidade de ficar registrado nos assentamentos destes militares.

Com o advento da República, em 15 de novembro de 1889, observamos que não houve modificações no então Corpo Eclesiástico do exército, exceto uma novidade na Constituição republicana que separava a Igreja do Estado,

²⁰ A SENTINELA DA PAZ, Op. Cit., p. 11

²¹ PILLAR, Olyntho. Op. Cit., p. 251.

inspirada pelos princípios liberais e positivistas, dominantes nos albores da República, abolia dos quartéis os serviços religiosos, como capelães, por onerar demasiadamente o Estado.

Já na Revolução de 1930 e no Movimento Constitucionalista de 1932, encontramos novamente a presença de sacerdotes fardados, nos hospitais militares, nos deslocamentos das tropas e até nas trincheiras. Este reaparecimento da assistência religiosa nos quartéis se deve à atuação da Conferência Vicentina de São Maurício na Escola Militar de Realengo, antecessora à Escola da Praia Vermelha, fechada no ano de 1904 (hoje Academia Militar das Agulhas Negras, sediada na cidade de Resende-RJ) tornaram-se mais tarde, os fundadores da União Católica dos Militares (UCM)²².

A Constituição de 16 de julho de 1934, a 2ª da República, no seu artigo 113-6, já permitia a Assistência Religiosa nas Expedições Militares sem ônus para os cofres públicos, sem constrangimentos ou coação dos assistidos, restringindo o seu exercício a sacerdotes brasileiros natos.

Nessa época houve, por parte do Exército, o abandono da idéia do soldado-cidadão positivista, uma maior profissionalização dos militares e um forte desejo de ordem e disciplina. Para o Exército, ou para o próprio Estado, a aproximação com a Igreja significava uma instrumentalização e uma disciplina moral. A Igreja tinha como objetivo, nessa conjuntura, reaproximar-se do poder, pois a perda do padroado poderia ser fartamente compensada por uma estratégica de alianças, que sem dúvida, ocorreu no governo de Getúlio Vargas,

como veremos com o advento da Segunda Grande Guerra; uma época em que, tanto no Brasil, como na Europa, a Igreja está se aproximando dos governos ditatoriais de direita, a exemplo do fascismo e do franquismo.

Como se vê, a assistência religiosa já existia muito antes do advento da República, observa-se também que tal serviço só se destinava à comunidade católica apostólica romana; a capelania evangélica, que hoje é uma realidade nas Forças Armadas e Auxiliares, nessa época não existia. No entanto, havia missionários protestantes em solo brasileiro semeando o Evangelho com características culturais estrangeiras (Estados Unidos Inglaterra e Alemanha).

²² **CASTRO**, Celso. O Espírito Militar – Um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras, p. 34,

1.1. A Criação da Força Expedicionária Brasileira

No decorrer da Segunda Guerra Mundial, deflagraram em 1 de setembro de 1939, pela Alemanha, com posterior participação da Itália, contra as nações aliadas, o Brasil, em estado de neutralidade, sofreu a perda de vários de seus navios mercantes indefesos e com eles quase mil de seus filhos, entre passageiros e tripulantes, pelas forças nazi-fascistas²³.

Para desagravar a nossa honra e a nossa soberania ultrajada, o Governo brasileiro declarou guerra àqueles países, em 22 de agosto de 1942²⁴. Para combater o inimigo em terras da Europa, junto com as Forças Aliadas, o Governo brasileiro criou, em 9 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira, nomeando, em 28 de dezembro do mesmo ano, para comanda-la, o Excelentíssimo senhor General-de-Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

A Força Expedicionária Brasileira foi organizada nos moldes do Exército americano, com tropa de todas as armas, serviços e outros órgãos de apoio logístico. Os seus integrantes foram oriundos de todos os Estados do Brasil. A FEB foi constituída de uma Divisão de Infantaria Expedicionária e de Órgãos não Divisionários²⁵. A Divisão de Infantaria (1ª DIE) foi comandada, cumulativamente, pelo Excelentíssimo Senhor General Mascarenhas de Moraes, e era a força de operações de combate. Contava ainda, com uma Divisão de Infantaria, com constituição de três Regimentos, comandada pelo

²³ PALHARES, Gentil. Op. Cit., p.45.

²⁴ LOPES, José Machado. 100 vezes responde a FEB, p. 27

²⁵ PINHEIRO, José Juarez Bastos. A FEB na Segunda Guerra Mundial, p. 18 e 19.

Excelentíssimo senhor General-de-Brigada Euclides Zenóbio da Costa, já com a Artilharia Divisionária, composta de quatro Grupos de Artilharia e uma Esquadrilha de ligação e observação comandada pelo Excelentíssimo senhor General-de-Brigada Oswaldo Cordeiro de Farias, com um Batalhão de Engenharia, um de Saúde, um Esquadrão de Reconhecimento e Unidades menores de outros serviços, dentre eles o Serviço de Assistência Religiosa, chefiada pelo Tenente-Coronel Capelão João Pheeney de Camargo e Silva²⁶.

Os órgãos não Divisionários, para atividades de apoio, foram comandados pelo Excelentíssimo senhor General-de-Brigada Olympio Falconieri da Cunha. Os integrantes da FEB passaram por rigorosa inspeção de saúde e seleção, e receberam intensivo adestramento, para o melhor desempenho na guerra. Sua constituição organizacional está disposta em moldes do Exército americano, como mostra no diário de campanha do general Aginaldo José Senna Campos em seu livro "Com a FEB na Itália":

"I – Comandante".

II – Subcomandante (Comandante da Infantaria Divisionária)

II – Estado Maior

1 – Chefia

2 – Estado-Maior Geral:

1ª Seção – Pessoal

2ª Seção – Informações

3ª Seção – Operações

4ª Seção – Logística

3 – Estado-Maior Especial:

²⁶ MORAES, João B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu Comandante, p. 263

Chefias dos serviços de:

- *Material Bélico*
- *Intendência*
- *Saúde*
- *Engenharia*
- *Transmissões*
- *Guerra Química*
- *Fundos*
- *Polícia*
- *Especial*
- ***Religioso***
- *Postal*
- *Justiça*
- *Inspetoria-Geral e - Adjudância-Geral*

IV – Tropa Especial:

- *Comandante*
- *Companhia do Quartel-General*
- *Companhia Leve de Manutenção*
- *Companhia de Intendência*
- *Destacamento de Saúde*
- *Pelotão de Polícia*
- *Banda de Música*

V – Unidades de Combate e de Apoio:

- *3 Regimentos de Infantaria*
- *3 Grupos de Artilharia 105mm*
- *1 Grupo de Artilharia 155mm*
- *1 Esquadrão de Ligação e Observação (FAB)*
- *1 Esquadrão de Reconhecimento*

- *Batalhão de Engenharia de Combate*
- *Batalhão de Saúde*
- *Companhia de Transmissões*

VI – Órgãos Não Divisionários:

- 1 – Comandante*
- 2 – Estado-Maior*
- 3 – Depósito de Pessoal*
- 4 – Correio Regulador*
- 5 – Depósito de Intendência*
- 6 – Serviço e Saúde da FEB*
- 7 – Posto Regulador de Livorno*
- 8 – Posto Regulador de Nápoles*
- 9 – Posto Regulador de Caserta*
- 10 – Pagadoria Fixa*
- 11 – Agência do Banco do Brasil*

VII – Conselho Superior de Justiça Militar "(CAMPOS, p. 25)".

Com exceção de 111 militares, dos quais 67 enfermeiras, que viajaram por via aérea, os demais componentes da FEB foram conduzidos do porto do Rio de Janeiro para o de Nápoles em navios de transporte de tropa americanos²⁷, entre 2 de julho de 1944 e 8 de fevereiro de 1945, em quatro oportunidades, constituindo cinco escalões. No total tomaram parte ativa na FEB 25.374 homens, assim discriminados: 4 Generais, 1.535 Oficiais, sendo 15 Oficiais da ativa e da reserva, 67 Enfermeiras, 26 Capelães católicos e 2 de Culto Protestante, 28 Funcionários do Banco do Brasil e 23.699 Praças.

²⁷ SILVEIRA, Joaquim M. Xavier da. A FEB por um soldado, pp. 61 e 64.

Na Itália, a FEB incorporou-se ao IV Corpo do V Exército Americano, dando início as suas operações de combate no princípio de setembro de 1944, no setor do rio Arno, ao norte da cidade de Pisa²⁸.

*"O Comandante do Regimento manifestou o desejo que fosse celebrada missa em ação de graças por terem todos chegado sãos e salvos a destino. Em dois dias apenas, os Capitães-Capelães Frei Orlando, Frei Alfredo e Padre Elói prepararam a solenidade, que foi realizada na Catedral de Pisa, às 9,30 horas do dia 22, com a presença do Comandante da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – General-de-Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes e toda a sua oficialidade e altas patentes do Exército dos Estados Unidos da América do Norte. Incumbiu-se do sermão Frei Orlando, que proferiu eloqüente peça oratória."*²⁹

Lutou contra tropas altamente experimentadas e aguerridas e em terreno montanhoso, com ardor e patriotismo. Suportaram a inclemência do tempo, inclusive os rigores do inverno sobre os Apeninos, com temperatura de 20 graus negativos. Dominando os adversários, com perdas de vida e de sangue, colheu louros de glórias para o Brasil. Nos últimos dias de sua ofensiva, cercou e aprisionou a 148ª Divisão de Infantaria, alemã, comandada pelo General Otto Fretter Pico.³⁰

*"O Vigário de Neviano di Rossi – Estatura média, magro, moreno, olhos castanhos claros, nariz bem torneado tipo aquilino, rosto raspado, usando óculos, eis em linhas gerais os traços fisionômicos de D. Alessandro Cavalli, vigário da pequena paróquia de Neviano di Rossi e que teve grande influência na rendição da 148.ª D.I. Alemã e satélites na célebre madrugada de 29 de abril de 1945."*³¹

²⁸ ANDRADE, Delmiro Pereira. O 11º RI na 2ª Guerra Mundial, p. 47.

²⁹ PILLAR, Op. Cit., p. 253.

³⁰ SILVEIRA, Antorildo. O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário, p. 105

A Divisão Italiana foi comandada pelo General Mário Carloni, alcançou o vale do rio Pó e inflectindo para o Noroeste da Itália, estabeleceu ligação com tropas do Exército Francês, na cidade italiana de Susa, próximo à fronteira ítalo-francesa, no dia 2 de maio de 1945, data do término da guerra.

Outro aspecto a ser avaliado é a utilização de símbolos comuns por parte dessas duas instituições (Exército e Igreja) indicando o grau de proximidade de valores, tal como foi criado o símbolo da cobra fumando (símbolo que distinguia os militares brasileiros dos aliados). Dois exemplos interessantes: o primeiro, a utilização do Cruzeiro do Sul, um referencial geográfico e astronômico – portanto científico – a gosto dos positivistas republicanos após a Proclamação da República. Ao mesmo tempo, o Cruzeiro é um signo de Cristo, tendo mostrado aos portugueses as novas terras, descobertas durante o século XV. As fusões dessas duas linhas, ocorrida nas décadas iniciais do século XX, não se excluem, ao contrário, se reforçam. O Cruzeiro acabou por virar o símbolo do Exército.

O segundo exemplo, diz mais a respeito ao símbolo do SAREX – Serviço de Assistência Religiosa do Exército – mostrando uma cruz e uma Bíblia (ver desenho nos anexos). No entanto, é uma cruz ou uma espada o que vemos? Podemos pensar que não seja uma espada, pois não aparece a ponta por baixo da Bíblia. No entanto, subliminarmente, tem-se a impressão das duas coisas. Neste caso o simbolismo é perfeito, pois referencia, ainda que indiretamente, a idéia da “cruz e espada” juntas

³¹ *Idem.* p. 125.

1.2. Criação do Serviço de Assistência Religiosa da Força Expedicionária Brasileira

Extinto desde a separação da Igreja do Estado, como decorrência da Proclamação da República, o Serviço de Assistência Religiosa do Exército ressurgiu em maio de 1944, como decorrência de necessidade de ser prestado o indispensável apoio espiritual aos militares que, então, se preparavam para participar da 2ª Guerra Mundial.

O Brasil, porém, não poderia, profundamente cristão como seu povo, conviver com a falta de assistência religiosa a seus combatentes foi exatamente pensando nisso que em 1944, achando-se o nosso País em preparativos bélicos para levar o auxílio da Nação brasileira aos povos que, na Itália, reclamavam por um mundo democrático e mais justo; que o Presidente Getúlio Dorneles Vargas sensibilizado pelas palavras do Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jayme de Barros Câmara que apreciavam juntos ao desfile da então Força Expedicionária Brasileira recém criada.

Ao chegar o término do glorioso desfile, sua Excelência o presidente voltando-se para o Arcebispo pergunta se ele havia gostado da apresentação, que prontamente lhe respondeu: "*Gostei, Presidente, mas faltou alguém junto aos nossos pracinhas... – Quem? Perguntou o Presidente. – Os capelães, respondeu o Arcebispo. – Amanhã, mesmo, criarei o Corpo de Capelães, retrucou o Presidente*"³²

³² PALHARES, Gentil. Frei Orlando o Capelão que não voltou. p. 196

Ao organizar a Força expedicionária Brasileira, que deveria participar das operações da Segunda Guerra Mundial, foi instituída a Capelania Militar por Decreto Lei n.º 6.535, de 26 de maio de 1944, criando o Serviço de Assistência Religiosa. Em que a princípio contava com vinte e oito capelães nomeados pela portaria n.º 6573, de 8 de junho de 1944. Destinando-se:

- "a) a prestar, sem constrangimento ou coação, assistência religiosa;*
- b) a auxiliar e ministrar instrução de Educação Moral e Cívica nos Corpos de Tropa e Formações de Serviço;*
- c) desempenhar, em cooperação com todos os escalões de comando, os encargos relacionados com a assistência religiosa e moral, em qualquer situação"*³³

Foram ainda nomeados para compor o primeiro Escalão da FEB os seguintes capelães: um capelão chefe e mais dois capelães, que constituíram a sentinela avançada do S.A.R. (Serviço de Assistência Religiosa), que a princípio nomeados por aviso n.º 2.478/269, de 23 de agosto de 1944, sendo posto à disposição do Ministério da Aeronáutica para ser o chefe do SAR, o Major capelão Pascoal Gomes Librelotto.

*"Tenente Coronel João Pheeney de Camargo e Silva – Chefe do SAR".
da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária(1ª D.I.E)
Tenente Coronel Pascoal Gomes Librelotto (Chefe do SAR-FAB)
Major Jonas Wanderley Lima (Frei Gil Maria) – capelão auxiliar da 1D.I.E
Major Marcial Muzzi do Espírito Santo
Major Jonas Wanderley Lima;*

Capitão Hélio de Abrantes Viotti;
Capitão Waldemar Setaro;
Capitão Antonio Álvares da Silva (Frei Orlando);
Capitão Amarildo Silvestri;
1º Tenente Olavo Ferreira de Araújo;
1º Tenente Joaquim de Jesus Dourado;
1º Tenente Alberto Costa Reis;
1º Tenente Hipólito de Almeida Pedrosa;
1º Tenente João Barbalho Uchôa Cavalcanti Sobrinho;
1º Tenente Nicolau Vandelino Junges;
1º Tenente João Batista Cavalcanti;
1º Tenente Urbano Rausch;
1º Tenente Jacob Emílio Schneider;
1º Tenente Noé Pereira;
1º Tenente Francisco Eloy de Oliveira;
1º Tenente Nilo Kollet;
1º Tenente Jorge Ferreira de Brito;
1º Tenente Gregório Pelegrino Comasseto;
1º Tenente Francisco Freire de Moura Filho;
1º Tenente Enzo de Campos Gusso;
1º Tenente Alcionilio Bruzzi Alves da Silva;
1º Tenente Manoel Inocência de Lacerda Santos;
1º Tenente João Filson Soren (Pastor) e;
1º Tenente Juvenal Ernesto da Silva (Pastor).¹³⁴

Podemos observar que a FEB foi acompanhado de um selecionado grupo de sacerdotes católicos e pastores evangélicos, que prestaram inestimáveis serviços de assistência moral e espiritual aos integrantes das Forças Armadas.

³³ NAÇÃO ARMADA, N.º 68, 114 Edição de julho de 1945.

Na composição hierárquica estes homens de Deus foram equiparados aos oficiais, com postos que iam de Tenente-Coronel, Major, Capitão e Primeiro Tenente, segundo o que consta na obra: "A Epopéia dos Apeninos", de José de Oliveira Ramos em que cita ser normal os capelães usarem os uniformes militares, comuns aos demais oficiais, tendo como distintivo uma cruz, bordada na gola.³⁵

Além dos serviços religiosos, os capelães auxiliavam o Serviço Especial na organização de diversões, que era uma prática normal das atribuições dos capelães do IV Corpo do Exército americano, ajudavam os "pracinhas" a escreverem suas correspondências para seus familiares, e visitavam constantemente os hospitais de campanha e enfermarias que eram levantadas nos acampamentos de algumas Unidades, como por exemplo, o do 1º Batalhão do Regimento Sampaio comandado pelo Major Uzêda:

*"O comandante do Batalhão compreendeu perfeitamente do que se tratava, aponta o mal ao capelão do batalhão, convoca o auxílio sempre valioso do capelão protestante do Regimento, o pastor Dr. Soren, apela para os seus bravos capitães, e reúne os dois médicos do Batalhão em busca de uma solução. Concluímos que havia necessidade da criação de uma enfermaria anexa ao posto de socorro do Batalhão."*³⁶

Como vemos a assistência religiosa era, assim como a assistência médica, prestada em todos os escalões, desde o "front" até a retaguarda, acompanhando os soldados em praticamente todos os momentos da guerra, antes e depois de cada batalha, com intuito de elevar o moral e o equilíbrio

³⁴ NAÇÃO ARMADA, p. 115

³⁵ RAMOS. A Epopéia dos Apeninos, p. 164.

³⁶ UZÊDA, Olívio Gondim de. Crônicas de Guerra, p. 65.

emocional dos combatentes, amenizando as dores e sofrimentos dos feridos em combate que estavam em convalescença nos hospitais de campanha e, administrando os últimos sacramentos aos moribundos, no caso da doutrina católica, e encomendando almas dos mortos, durante os tocantes sepultamentos.

*"O Serviço Religioso, por sua vez, buscou fortalecer as convicções, a noção de responsabilidade e o espírito de sacrifício, sem o qual nada se poderia obter."*³⁷

Um outro exemplo marcante da coragem e desprendimento do capelão militar, ficou marcado na postura do capelão-chefe do SAR em ocasião de um ataque alemão às linhas das unidades que estavam avançadas, começando um enorme alvoroço e desordem, afetando diretamente o moral da tropa brasileira. O Tenente Coronel capelão Pheeney, se desloca para o local do ataque desarmado, no intuito de levantar o moral e o equilíbrio emocional daqueles soldados:

*"De outra feita, num dia de azar para nós, um contra-ataque alemão atropelou com tal violência uma de nossas unidades avançadas, que começou a estabelecer-se a desordem em nossas linhas. Mas o nosso Capelão-Chefe, advertido do sinistro, partiu célere para o local da Luta, desarmado e a peito descoberto; gesticulou e animou de tal forma a tropa, que, tenho certo, não fosse ele, os soldados teriam voltado as costas ao inimigo. Você sabe o que é um pânico em Combate. Pois, meu amigo, o Capelão-Chefe sozinho salvou neste dia a tropa dessa ignomínia."*³⁸

³⁷ MORAES, João B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu comandante, p. 129.

³⁸ SCHNEIDER, Jacob Emílio. Vivência de um ex-capelão da FEB, p. 82 e 83.

A Serviço de Assistência Religiosa do Exército foi uma instituição pioneira, apesar de desconhecida da grande maioria da população brasileira, os capelães da Força Expedicionária Brasileira (FEB), puderam de uma maneira efetiva, classificar a partida para o teatro de operações de guerra contra os países do eixo, como um salto no escuro. Foi só com o passar do tempo e a ambientação forçada às condições de guerra, a nova indumentária (farda verde-oliva), a hierarquia militar, provando assim, os benefícios e vantagens que a presença do capelão significou para toda a tropa.

O recrutamento e ingresso foram voluntários apresentando-se um após o outro. A seleção passou por rigorosa inspeção médica e porque não falar também, da avaliação dos currículos dos pastores e sacerdotes, muitos deles já haviam tido algumas experiências na caserna, como foi o caso do capelão-chefe do SAR padre Pheaney, que serviu como capelão voluntário em Grupo de Artilharia, outros possuíam um alto grau de intelectualidade, muito antes mesmo de serem convocados para ingressarem na FEB, exerciam funções de chefia de Paróquias, direção e docência em Seminários maiores pelos rincões do Brasil; todos na sua grande maioria falavam fluentemente no mínimo dois idiomas (italiano e Inglês), alguns pelo fato de terem estudado fora do Brasil, adquiriram o domínio dessas línguas, como foi o exemplo do capitão Antônio Álvares da Silva (Frei Orlando) que estudou na Holanda e certamente teve o contato com o idioma alemão, outro militar que teve a oportunidade de estudar fora do país e com isso aperfeiçoou seu inglês, foi o pastor Soren, que era filho de família descendente de americanos.

Seria interessante pensar no espírito de compromisso cristão e militar, na competência e esmero profissional, na importante missão que foram atribuídas a esses capelães de forma a se tornarem destaque dentre os outros quadros, armas e serviços que ladearam dia-a-dia em meios as agruras da guerra. Foi tão sublime a atuação deste serviço que o próprio comandante das hostes brasileiras reconheceu seus feitos em elogio publicado no Boletim Interno n.º 64, de 5 de março de 1945:

*"Eficiente tem sido a atuação do Serviço Religioso. Os Capelães brasileiros, seguindo o exemplo daqueles padres que sempre se encontravam onde uma ânsia de liberdade surgia no solo pátrio, acorreram céleres ao chamado para acompanhar a tropa brasileira ao teatro da luta pela liberdade do Mundo". Acompanhando com desvelo a vida do soldado, fortalecendo-lhe a convicção na dignificante missão que veio executar tão longe da Pátria, confortando-o nos momentos de crise com palavras de amigo ou com os sacramentos da Igreja, esses pastores da alma têm grandemente auxiliado a ação do comando. Pensamento voltado para Deus e para o Brasil, sua permanente preocupação consiste em manter, no combatente, o fogo sagrado da fé Cristã e o amor ao solo bendito da nossa terra. Alentando os feridos na frente de combate ou nos hospitais, aplicando-lhes os socorros espirituais tão necessários, esses missionários da Paz muito têm feito pelo bom êxito da FEB na guerra. Merecem a admiração respeitosa de todos os que aqui lutam e a veneração da nossa gente de além-mar. "*³⁹

Outro aspecto de suma importância que possibilitou a excelente participação dos capelães foi visto pela união entre eles, podemos destacar aqui, o ecumenismo, que possivelmente teria sido a primeira vez que ocorreu no ceio da cristandade brasileira. A integração desses sacerdotes: católicos e protestantes nas várias unidades na qual foram designados para atuarem se fez de forma normal. Houve como não poderia deixar de ser, algumas dificuldades iniciais, logo superadas.

³⁹ MORAES, J.B. Mascarenhas de. A FEB pelo seu comandante, p. 313 e 314.

Havia uma total camaradagem, característica precípua do militar bem ajustado a sua fração.

No meio da campanha, a distinção entre católicos e protestantes deixou de ser importante, o apoio espiritual era dado indistintamente⁴⁰ de credo religioso, assistiam a todos, mesmo que não fossem cristãos professos.

Sobre a origem da capelania militar evangélica podemos dizer que foi criada através do patrocínio da Confederação Evangélica do Brasil e por instrumento do seu órgão administrativo (Conselho de Relações Intereclesiástica e dos capelães evangélicos. Nomeados oficialmente pela Confederação Evangélica do Brasil, os capelães foram reconhecidos pelas autoridades e passaram a exercer o seu ministério sem distinção de credo ou denominação).

Sua formal organização se deu em 13 de julho de 1944 com a nomeação de dois capelães de culto protestante: João Filson Soren da Convenção Batista Nacional e Juvenal Ernesto da Silva pertencente ao quadro de ministros da Igreja Metodista do Brasil. O reverendo Soren foi designado para ingressar no 1º Regimento de Infantaria (O histórico Sampaio); coube ao reverendo Juvenal compor o quadro de oficiais do 6º Regimento de Infantaria.

Posteriormente por necessidade de serviço, ambos tiveram suas atividades acrescidas, cabendo ao tenente-capelão Soren a atender também o 11º Regimento de Infantaria⁴¹, o mesmo do capitão-capelão Frei Orlando e o

⁴⁰ **SILVEIRA**, Joaquim Xavier da. A FEB por um soldado, p. 121.

⁴¹ **BRANCO**. Manoel T. Castelo. O Brasil na II Grande Guerra, p. 345.

tenente-capelão Juvenal as unidades de Artilharia e Engenharia de Combate. Partiram para a Itália no 2º Escalão da FEB, em 22 de setembro de 1944.

Ainda podemos ressaltar a figura exemplar do capelão Juvenal Ernesto da Silva, que muito contribuiu para o estabelecimento da disciplina, moral e espírito de corpo entre os militares da FEB. Foi convocado para ser capelão aos 34 anos de idade, deixando mulher e um filhinho e parte para os campos de combate na Itália. Sua missão era levar conforto espiritual para os soldados entinchados e muitas vezes nos hospitais. Em entrevista a Revista "A Voz Missionária" relata que sua função era a de levar conforto aos feridos, os enfermos através da palavra de Deus, e que muitas vezes não havia tempo para descanso:

*"sua função era a de confortar os feridos, os enfermos, visitar, levando palavras de conforto tanto para os que iam para a frente de combate como para aqueles que estavam à espera de serem chamados para a luta. Se preciso, até sepultá-los, no que ele dá graças a Deus por não ter sido Preciso. Havia, portanto, um trabalho sem descanso, pessoal, com todos Os soldados que o procuravam – evangélicos, católicos, ateus. Assim, Muitas vezes ele era levado junto com o Comando, acompanhando as Tropas."*⁴²

O capelão Juvenal além de possuir uma excelente formação teológica e secular (Letras) que adquiriu no Instituto Grambery, em Juiz de Fora – Minas Gerais, concluindo os cursos em dezembro de 1935, logo não faltaram convites para exercer seu ministério, foi convidado para ser capelão acadêmico no Instituto Porto Alegre-Rio Grande do Sul, sendo beneficiado posteriormente com uma bolsa para cursar o mestrado em Nashville, EUA; falava perfeitamente o inglês, habilidade esta, que o fez juntamente com o Pastor Soren serem escolhidos e admitidos no meio de vários voluntários.

⁴² A VOZ MISSIONÁRIA. Op. Cit., p. 12.

Organismos pára-eclesiásticos como a Sociedade Bíblica do Brasil e a Editora JUERP (Órgão de imprensa e publicações da Igreja Batista Nacional) também prestaram seus serviços como esforço de guerra, auxiliando na confecção de Bíblias de bolso (Novos Testamentos e Salmos), no total de 500 exemplares e um hinário com 100 hinos para alegrar o coração dos soldados expedicionários.

*"Os nossos hinos se popularizaram. Eu não podia distribuir aqueles hinários a qualquer soldado, por que isso envolvia uma quebra de um regulamento que não permite ao capelão de um credo catequizar um soldado de outro credo. Mas havia pedidos, especialmente dos oficiais."*⁴³

Quando estava recebendo adestramento militar no 1º Regimento Sampaio, na Vila Militar, o capelão Soren entrou em contato com a Sociedade Bíblica do Brasil, organismo este que o referido capelão fez parte como um de seus fundadores, participando da publicação da primeira tradução brasileira do texto sagrado; a distribuição dos exemplares, surtiu um enorme efeito evangelizador até mesmo entre os oficiais do seu Regimento.

*"De início, tive um favorecimento muito útil que foi a contribuição de Bíblias Sociedade Bíblica do Brasil, na forma de novos testamentos com salmos, um Volume pequeno, de bolso, que teve uma receptividade extraordinária, não somente entre os soldados crentes, mas os que não eram, e oficiais superiores da minha corporação que eu só atendia no seu desejo de possuírem se fossem pedidas, porque eu não dispunha de quantidade ilimitada."*⁴⁴

Os militares evangélicos iniciaram seus cultos no quartel do Regimento Sampaio, logo que foram nomeados os capelães militares evangélicos, em agosto de 1944, durante os preparativos de adestramento militar para entrarem

⁴³ AZEVEDO, Israel B. de. João Filson Soren. O Combatente de Cristo, Op. Cit., p. 68.

em combate nos campos da Itália. Foi durante estes preparativos que o capelão João Filson Soren organizou o primeiro coral militar evangélico do Brasil, com a constituição inicial de 40 vozes, que mais tarde já em operações de campanha, subira para 70 vozes; foi designado para dirigi-lo o sargento Júlio Andermann.

Enquanto o Regimento Sampaio esteve em serviço de ocupação na cidade de Piacenza, o seu Coral Evangélico teve várias oportunidades para entoar seus cânticos. Mais tarde se apresentou quando o Regimento acantonava na área de estacionamento em Françoise, próximo a Nápoles, aguardando o regresso ao Brasil.⁴⁵

Quando as unidades achavam aquarteladas, acampadas ou embarcadas havia cultos gerais diários. No transcorrer das operações de guerra, porém, sua celebração dependia da disponibilidade e das circunstâncias, realizando-se, quase sempre, em pequenos grupos reunidos no Posto de Comando dos pelotões e das companhias.

*"Tínhamos em nosso serviço sempre uma reunião de oração diária. Domingo, tínhamos cultos certos e compareciam não somente os Mesmos, mas outros interessados em conhecer o que havia entre a gente. Funcionava num galpão, que era o refeitório improvisado. Domingo de manhã, então, ia muita gente mesmo. O capelão Chefe do Regimento (Padre Cavalcante) tornou-se muito meu amigo. Quando faltava meia hora para começar a missa, saía pelo acampamento com uma campainha."*⁴⁶

Após o término da guerra, aproximadamente quatro anos depois, alguns oficiais e cadetes interessados em manter a tradição dos cultos protestantes,

⁴⁴ **Idem, p. 71.**

⁴⁵ **O JORNAL BATISTA.** Artigo publicado no domingo, 16 de maio de 2004.

⁴⁶ **AZEVEDO, Op. Cit., p. 70.**

assim como se fizeram nos campos da Itália, foi fundada em 19 de abril de 1949 a Associação de Cadetes Evangélicos⁴⁷ da Academia Militar das Agulhas Negras; situada na cidade de Resende, Estado do Rio de Janeiro, Instituição de ensino que destina-se a formação do oficial do Exército Brasileiro. A princípio fazendo-se cumprir a legislação em vigor para Capelania Militar, esta associação destinava-se a prestar assistência espiritual aos jovens egressos de todas as partes do Brasil, que ali estudavam.

Mais uma vez houve a intervenção da Confederação Evangélica do Brasil que requereu, em 12 de setembro de 1949, ao Comando do Exército, a criação da Capelania Militar Evangélica dentro da Academia Militar e indicou para o cargo de capelão pastor Amós Aníbal. Foram inúmeros pastores de várias denominações que já ocuparam o cargo de capelão na Academia Militar de Resende, dentre eles, os reverendos metodistas Adriel de Souza Motta, o pastor Messias Amaral dos Santos, o pastor Rubens Duarte de Albuquerque e outros. Hoje existe apenas um capelão de credo católico apostólico romano desempenhando as funções de capelão na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN); a Academia Militar conta hoje com uma Associação de Cadetes Evangélicos.

Como observamos o Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREX), representado na figura do capelão militar que é um soldado singular. Embora envergando o mesmo uniforme e convivendo com os seus companheiros, é alheio ao manejo das armas e às táticas de combate. A sua

⁴⁷ **Idem JORNAL BATISTA.**

missão, nobre e humanitária, consiste em promover a fé, curar as almas, elevar o moral e reacender a chama da esperança nos corações dos combatentes do Exército Brasileiro.

Foi notória que a missão do SAREX, materializa-se na vida e na ação do capelão militar, a palavra de fé, de solidariedade, de unidade, prestando os serviços religiosos pertinentes, que venham a estimular, promover e desenvolver nos militares e seus familiares as condições necessárias para aquisição de condições de estabilidade emocional, moral e espiritual.

Isto é o que rege a Portaria Ministerial n.º 247, de 28 de abril de 1995 (IG 10-50):

*"... A Assistência Espiritual visa a elevar o moral individual dos integrantes do Exército e a possibilitar um convívio fraternal e harmônico do homem em sua Comunidade, de forma a desenvolver e estimular, particularmente no Militar, a determinação, a coragem, o equilíbrio emocional e o espírito de corpo, atributos imprescindíveis nas operações de combate."*⁴⁸

Hoje o SAREX na sua estrutura organizacional é definido pelos artigos: 3º, 4º, 5º, 6º e 7º da Portaria n.º 211, de 3 de maio de 2001, do Comandante do Exército:

" Art. 3º O SAREX é constituído de:

I – Chefia;

II - Subchefias; e III – Capelarias Militares.

Art. 4º A Chefia é o órgão de Direção do SAREX, subordinada ao Departamento-Geral do Pessoal (DGP), exercida por um Coronel Capelão, tendo por auxiliar um Capelão-Adjunto do posto de Capitão ou Major.

Art. 5º As Subchefias, denominadas `Subchefias de Assistência Religiosa`, são Órgãos de coordenação das atividades do SAREX, exercidas por Tenentes-Coronéis Capelães ou Major Capelães, subordinadas aos Comandos Militares de Área, sob a supervisão e a orientação técnicas da Chefia do SAREX.

Art. 6º As Capelarias Militares são órgãos de execução das atividades do SAREX, Criadas pelo Estado-Maior do Exército (EME), mediante proposta do

⁴⁸ O AEROMÓVEL. Informativo da 12ª Brigada de Infantaria Leve. p. 3

DGP, e subordinadas aos Grandes Comandos e Grandes Unidades, bem como a outras OM a Critério do Chefe do EME.

Parágrafo único. As Capelarias Militares prestarão assistência religiosa a todas as OM subordinadas aos Grandes Comandos e Grandes Unidades a que pertencem.

Art. 7º Nos Grandes Comandos, Grandes Unidades e outras OM, não assistidos por Capelães Militares, será autorizado o apoio religioso-pastoral da Capelaria Militar mais próxima, após entendimento direto entre os Comandantes interessados.

Parágrafo único. Nas guarnições desses Comandos, se necessário, será autorizada a utilização, sem ônus para o Exército, dos serviços de assistência religiosa de sacerdotes, ministros religiosos ou pastores da localidade, por proposta dos Comandantes, através dos canais de comando, e aprovação do Comandante Militar de Área (Cmt Mil A).”⁴⁹

O ingresso no quadro, atualmente ocorre mediante concurso público, mas não foi sempre assim; até o ano de 1993, os capelães eram nomeados pelos Comandos de Área para exercerem efetivamente as funções inerentes ao cargo. A partir do ano de 1994 começaram ingressar no quadro sacerdotes católicos e ministros religiosos e pastores de culto protestante, todos autorizados pelas suas respectivas dioceses e lideranças eclesiásticas, que mediante aprovação em exame intelectual (prova objetiva de Teologia e língua Portuguesa).

Podem concorrer sacerdotes e ministros evangélicos, com curso universitário ao nível de graduação superior em Teologia. O importante, que consta na legislação, é que esses candidatos sejam pertencentes a qualquer credo religioso, que não atente contra a disciplina, a moral e as leis em vigor. Os candidatos que preencherem os requisitos previstos na legislação, havendo vagas e necessidade do serviço, serão aproveitados e encaminhados ao Estágio de oito meses, na condição de aspirante a oficial, ao final do qual, obtendo

conceito favorável, serão nomeados capelães militares⁵⁰ no posto de segundo-tenente e designados para servirem em qualquer unidade do território nacional.

⁴⁹ **SITE do SAREx.** www.dgp.eb.mil.br

⁵⁰ **NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO.** Domingo, de 13 de fevereiro de 1994.

Capítulo II: O Capelão Militar e sua formação profissional

Quanto a formação profissional desses religiosos, podemos dizer sem medo de errar que foram altamente preparados e qualificados nos seus diversos cursos, indo da formação superior (Teologia com ênfase em Filosofia) e os demais cursos que optaram como complemento de suas carreiras, como por exemplo as Letras e a História, até a formação em nível de pós-graduação, o que muitos destes ministros religiosos possuíam.

Segundo afirmam os tenentes-coronéis Capelães Joaquim Benedito da Silva e José do Nascimento Rodrigues Gomes, em seus esboços de palestras elaboradas para compor o Manual de Instrução Religiosa do Exército no ano de 2002, citam que a profissão é um modo de vida, uma atividade especializada que permanece no exercício diário de uma pessoa.⁵¹

Esclarecem ainda estes capelães, que existem duas fases na vida profissional, a primeira é a preparação e a segunda o exercício propriamente dito da profissão. Estas estão ligadas intimamente ao que conhecemos como aptidão, que segundo estes autores seria necessário para o profissional desenvolver na fase inicial de sua aprendizagem, adquirindo também uma consciência profissional orientada pelo honesto e correto desempenho em sua profissão.⁵²

⁵¹MANUAL DE INSTRUÇÃO RELIGIOSA PARA OS MILITARES DO EXÉRCITO BRASILEIRO ANO 2002. P. 172.

A formação técnico-militar do capelão no período da guerra foi extremamente difícil, pois não havia um planejamento didático-pedagógico que se prioriza a formação profissional específica do capelão militar. Por outro lado, os oficiais brasileiros iam realizar estágios no Exército Norte Americano que em seu currículo técnico-militar previa um curso específico para a formação os religiosos então nomeados capelães militares do VI Exército americano, como se observa adiante.

Contavam os americanos com uma Escola de Capelães, como a escola de várias armas, e o candidato a capelania, mesmo que com o curso teológico, tinha que cursar a Escola, que além de instruir os sacerdotes e ministros religiosos na arte militar, recebiam também formação básica de um combatente, além de instrução sobre a operacionalidade de outros setores, como por exemplo, o serviço postal, é o que mostra no depoimento do capelão Manuel Inocêncio L. Santos:

*"No exército norte-americano, embora seja finalidade precípua dos capelães a assistência espiritual propriamente dita, é vastíssimo o campo de atividades a eles atribuído, e que abrange, entre outras coisas, a educação moral e cívica, os esportes e o serviço postal , com evidente desafogo do oficial."*⁵³

⁵² **Idem. P. 172.**

⁵³ **INOCÊNCIO**, Manoel. L. S. Recordações de um capelão da FEB. Depoimentos de oficiais da reserva, p..362

Na formação profissional do capelão militar requer acima de tudo uma verdadeira vocação para vida militar. Pois o sacerdote ou pastor que ingressa no quadro de capelães, passam a conviver diariamente com uma rotina muitas das vezes diametralmente oposta a vida eclesiástica. Ter vocação para a vida militar significa ter um estilo de vida que está sujeito a um estatuto e a um regulamento, que exigem horários, obediência a determinações, que vão além dos seus compromissos normais de sacerdote.⁵⁴

Hoje, no Brasil, há o Ordinariato Militar do Brasil ⁵⁵, Uma verdadeira diocese. Hoje há em cada país cerca de (33 países) que aderiram o acordo com a Santa Sé e o Governo brasileiro, regulando o funcionamento da Arquidiocese Militar do Brasil no âmbito das Forças Armadas e Forças Auxiliares, sediada em Brasília. Este organismo eclesiástico, além de supervisionar os trabalhos, aperfeiçoa o ministério pastoral e investe na formação sacerdotal voltada para o ministério de capelania militar.

Já existe uma Casa de Formação, para acompanhar os seminaristas da Arquidiocese Militar que estudam Teologia no Seminário Maior da Arquidiocese de Brasília.

⁵⁴ A SENTINELA DA PAZ. Revista da Arquidiocese Militar do Brasil. N.º 2 – Jun/Jul/Ago, p.21

⁵⁵ Compõe várias dioceses militares, com a constituição organizacional de um Bispo, um Clero, uma Cúria Militar e Capelania espalhadas pelas várias Unidades das Forças Armadas e Auxiliares. Este organismo da cúpula eclesiástica foi criado através de um acordo com a Santa Sé pela Constituição Apostólica *Spirituali Militum Curae*, de 21 de abril de 1986. Estas Capelania são

O processo de encaminhamento para ingresso no Curso se faz através de indicação de um Bispo diocesano ou um Superior Religioso. Estes seminaristas são egressos de colégios e faculdades militares ou que freqüentam as Capelarias e frutos da Pastoral Vocacional.⁵⁶

No caso do ministro de culto protestante ao concluir o curso de Bacharel em Teologia realizado em Seminário Maior de nível superior, deverá ser ordenado ao sagrado ministério e possuir no mínimo três anos de atividades pastorais, solicitar autorização aos superiores hierárquicos que pode ser o pastor presidente da Igreja ou o Concílio Superior que varia de denominação para denominação (Presbitério, Coordenadoria, Sínodo, Região Eclesiástica e outros).

O candidato ao passar com êxito no exame intelectual é encaminhado para uma Junta de Inspeção de saúde que o avaliará as condições de sanidade físicas e mentais, depois de dado apto pela inspeção médica passam por uma avaliação física para atestar as condições físicas de suportar os esforços que a caserna requererá do futuro militar; só após estas etapas que o candidato estará apto e indicado à matrícula no Estágio de Instrução e Adaptação ao Quadro de Capelães Militares.

verdadeiras paróquias, com sua sede. Há um Vigário Geral para cada Força. O Vigário Geral do Exército é Também Vigário Geral para as Polícias Militares e Corpo de Bombeiros.

⁵⁶ Idem SENTINELA DA PAZ, p. 22.

O Estágio de Instrução e Adaptação segue um cronograma de duração de 32 semanas distribuídas em três períodos:

- a) Um período de Instrução militar geral que durará 8 semanas na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), na cidade de Resende-Rio de Janeiro;
- b) O segundo período com duração de quatro semanas como observador na Escola de Sargentos das Armas (EsSA), situada na cidade de Três Corações- Minas Gerais;
- c) E o terceiro período de duração de vinte semanas onde o candidato deverá completar seu estágio, em uma Grande Unidade de um Comando Militar de Área, onde o candidato será classificado posteriormente.

Durante o Estágio, o candidato será equiparado a Aspirante-a-Oficial, e fará jus, à remuneração correspondente.

Ao término do Estágio de Instrução e Adaptação, o candidato na condição de aspirante será nomeado ao posto de segundo tenente capelão militar e exercerá as funções de capelão em qualquer grande unidade da federação, de acordo com a necessidade do serviço. Atualmente o Exército consta em seu organograma com sete grandes comandos de área: a) Comando Militar do Leste, sediado no Estado do Rio de Janeiro; b) Comando Militar do Sudeste, sediado no Estado de São Paulo; c) Comando Militar do Planalto, com sua sede no Distrito Federal-Brasília (atual sede do SAREX); d) Comando Militar do Nordeste, sediado na cidade do Recife-Pernambuco; e) Comando Militar do

Oeste, sediado em Campo Grande, Mato Grosso do Sul; f) Comando Militar da Amazônia, com sede em Manaus-Estado do Amazonas e g) Comando Militar do Sul, com sua sede em Porto Alegre-Rio Grande do Sul.

2.1. A formação intelectual do sacerdote e do ministro evangélico

Passaremos agora, a analisar como era a formação intelectual desses sacerdotes e ministros religiosos que foram recrutados para assistir aos militares. Vasculhando o Arquivo Histórico do Exército, me deparei com uma impressionante realidade. Todos os capelães recrutados para compor o Quadro de Capelães da FEB eram altamente qualificados para o cargo. Folheando as fichas cadastrais de um por um observamos que em cada cadastro havia um currículo, que na maioria deles continha registros de uma vasta experiência profissional e uma alta capacitação intelectual.

São vários os relatos biográficos que ressaltam a formação intelectual desses capelães. Um deles foi o capelão Jacob Emílio Schneider:

*"Seus estudos primários foram feitos na escola paroquial de Piedade, Bom Princípio, professores Carlos Luft e João Seibel, ainda com todos Os ingredientes físico-pedagógicos da época, o que certamente foi de valiosa ajuda para uma formação enérgica e sem maciota. Em 1922 freqüentou a escola dos maristas em Bom Princípio e foi mandalete da casa canônica, o que sem dúvida fez amadurecer sua vocação. Em fins de fevereiro de 1923 seguiu para o seminário Central de São Leopoldo, juntamente com sete coleguinhas. Em 1929 ingressei na Companhia de Jesus em Pareci Novo, Montenegro, RS. Após dois anos de noviciado e Dois de juniorado, iniciei os três anos de filosofia, em São Leopoldo. Em 1936 lectionei na Escola Apostólica em Pareci e de lá no ano seguinte fui escalado para o Internato do Colégio Catarinense, como prefeito e professor. Lá me trocaram de nome para Padre Tiago, pois que o Jacob Emílio era ocupado por dois mais importantes do que eu. Matérias: português, francês, geografia e história."*⁵⁷

⁵⁷ SCHNEIDER, Jacob Emílio. Vivência de um ex-capelão da FEB, p. 1,2.

Outro grande exemplo de abnegação aos estudos e portador de um inegável perfil para docência, foi o capelão Antônio Álvares da Silva, o Frei Orlando. O tenente Gentil Palhares em sua obra de São João Del-Rei Vale do Pó, comenta que a formação intelectual de Frei Orlando passou por várias etapas, iniciada a partir dos seus 12 anos de idade:

"ingressou no Colégio dos Franciscanos em Divinópolis. Em 1931, partiu para a Holanda, onde tendo feito sua profissão simples em 8-IX-1932, emitiu votos solenes em 8-IX-1935 a 28 do mesmo mês voltou ao Brasil. Concluiu seus estudos teológicos em Divinópolis e a 24 de outubro de 1937, recebeu, das mãos de Dom Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, o santo sacramento da Ordem. Foi transferido, logo depois, para São João del-Rei e aí desempenhou As funções de Diretor Espiritual do Colégio Santo Antônio e da Ordem Terceira, lecionando, em 1944, nas cátedras de Português e História.⁵⁸

Os aspectos intelectuais desses capelães eram características indeléveis para o exercício do oficialato no Exército. O alto grau de formação muita das vezes era adquirido de escolas e colégios confessionais, alguns deles oriundos dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino teológico do Brasil. Isto é atestado pelo professor do Seminário Batista do Rio de Janeiro, Israel Belo de Azevedo, citando a formação intelectual do pastor João Filson Soren:

⁵⁸ PALHARES, Gentil, Op. Cit., p.327.

"Fez seus primeiros estudos em um Departamento do Colégio Batista", na rua do Bispo, dirigido pelos seus pais. Depois transferiu-se para o hoje chamado Colégio Batista Shepard, fundado no ano do seu nascimento. Aí completou o secundário, tendo colado grau em 1926, como Bacharel em ciências e letras, título que à época se dava concluintes Do segundo grau. Pouco depois, sentiu-se vocacionado para trabalhar Entre os índios brasileiros, entrou para o Seminário Teológico Batista Do Sul do Brasil, onde o pai também era professor. Fez apenas o primeiro ano, porque recebeu um convite para estudar nos Estados Unidos, para onde se transferiu em 1927 e de onde retornou mestre Em teologia, pelo Southern Baptist Theological Seminary, de Louisville (Kentucky), e mestre em artes, pelo departamento de ciências políticas e sociais da Universidade da mesma cidade. Em 1933, retornou ao Brasil, sem ingressar no doutorado, passando imediatamente a ensinar no Colégio Batista. Nessa escola, lecionou diversas disciplinas, como inglês, história da Civilização, química e física, e atuou como instrutor de educação física."⁵⁹

Poderíamos citar muitos outros sacerdotes e ministros que participaram como capelães da FEB, que possuíam inúmeros cursos de capacitação e qualificação. Mas não é nosso objeto central.

⁵⁹ AZEVEDO, Israel Belo. Op. Cit., p.19

3.2. A formação espiritual do capelão militar

Será fundamental neste ponto de nosso trabalho, refletir acerca do aspecto espiritual na formação do capelão como sendo um das exigências primárias, para o exercício vocacional de cada sacerdote ou ministro religioso. São diversos as ordens e ministérios que estes capelães eram vinculados. Havia várias ordens que direcionavam e orientavam a conduta de seus ministros: Jesuítas, Franciscanos, Dominicanos. Já em relação ao culto protestante, tivemos a representação de duas denominações evangélicas, a saber: Batista e Metodista.

O perfil espiritual desses capelães era claramente observado quando eram desafiados a enfrentar situações adversas, em que o sagrado era confrontado por momentos de profanação, na guerra os valores religiosos e éticos são atropelados em nome de uma ideologia política, os soldados são preparados para lutar contra o inimigo. Foram várias às vezes que estes capelães se utilizaram suas convicções espirituais para que em meio ao sofrimento e a adversidade, pudessem confortar e motivar o combatente brasileiro.

O capelão é o homem de Deus dentro da Caserna, deve ser a presença de Cristo no meio dos militares. Sua conduta deve transparecer: mansidão, humildade, misericórdia, bom senso. Deve possuir um hábito de constante oração e de apostolado profícuo. Cultivador de valores do evangelho através de sua pregação. Ser verdadeiros Pastores, representantes de Jesus no seio da Unidade.

Dentro dessa perspectiva, então acreditamos poder dizer que a relação da religião com o militar brasileiro demonstrado pela postura de alguns oficiais e praças durante o conflito, é algo surpreendente, pois muitas das vezes era esta formação espiritual alicerçada no cristianismo professado desde o seio familiar. É digna de nota, uma citação que o soldado Ernani Ayrosa da Silva, faz em seu diário, para reforçar a importância que a tradição religiosa fortaleceu suas convicções durante a Guerra:

*"Creio que consegui manter o equilíbrio emocional pela formação recebida de meus pais. Fui educado com a percepção do valor da liberdade individual, que deve terminar quando se inicia a liberdade de outrem... Roma, a cidade Eterna, é a capital espiritual do mundo desde o ano 413 da era cristã. Embebi minha alma nos seus elevados ensinamentos morais e serei eternamente grato a Deus pela oportunidade de tê-la visto."*⁶⁰

Na mesma obra, o soldado fica entusiasmado pelo fato de receber um convite do Padre Noé, capelão de sua Unidade, para juntos percorrerem em um dia de folga a magnífica Roma:

*"Num dia de folga, fui convidado pelo Padre Noé, nosso capelão e querido amigo, para, juntos, percorrermos Roma. Embora tivesse passado por ela, quando do nosso deslocamento para Tarquínia, pouco havíamos visto."*⁶¹

Como podemos perceber, no ofício de soldado observa-se uma árdua caminhada em que, a cada momento, espreitam os tropeços, que só podem ser sobrepujados se na alma residir uma fé que não se deixe abater, que dê forças e alento. A fé por sua vez, concretiza-se no crédito que se dá a uma pessoa com quem está ligado por laços de ideais ou a uma causa abraçada, no caso a assistência espiritual do capelão militar se esboça no militar. Para o soldado é o

⁶⁰ SILVA, Ernani Ayrosa. Memórias de um soldado, Op. Cit., p. 38.

serviço em prol da Pátria. Ela pode ser comparada à chama que aquece a palavra ou à promessa feita de modo solene, sob forma de juramento, de bem servir à Força Armada e ao País.

A vida castrense ganha dimensões excepcionais, porque somente com fé pode-se obter o sucesso de uma missão, pois não há tarefa que possa ser bem cumprida se o soldado não depositar fé na sua carreira e na capacidade de realizar aquilo que lhe compete.⁶²

Notamos que a presença do capelão militar na linha de frente era de extrema importância, pois era nas absolvições que eram gerados sentimentos de certeza da salvação de suas almas caso tombassem em combate.

Se o que dissemos até aqui faz sentido, cabem ainda algumas observações. Mencionamos que o aspecto espiritual é de suma importância para quem ministra e para quem está sendo assistido. É humanamente impossível estar totalmente guarnecido na vida secular, sem o auxílio e a proteção de Deus sobre sua existência. Como ser humano o soldado precisa confiar em Deus, esta confiança vai prepará-lo para enfrentar os desafios diários, em particular as mazelas do fronte de batalha na Segunda Guerra Mundial. Foi pensando nisso, que o capelão Ivan Xavier, em sua palestra, cita o aspecto espiritual do capelão militar com a missão de despertar nos

⁶¹ **Idem**, p. 36.

⁶² **SCHIRMER**, Pedro Coronel. Das Virtudes Militares, p. 110.

combatentes, a fé, a confiança e a moral do soldado para que não venha a fraquejar na hora de enfrentar o inimigo.⁶³

Podemos dizer, portanto, que no processo de construção de uma vida castrense voltada para o ideal espiritual a ser forjado no combatente brasileiro, é que os capelães que integraram a FEB tinham nas suas motivações humanitárias, a mais perfeita e inefável vocação sacerdotal. É importante ressaltar, que é isto que os impulsionam a prestar uma assistência espiritual digna de apreciação de Deus. O tenente Gentil Palhares em sua obra destaca a alegria e contentamento da ordenação do capelão Antônio Álvares da Silva (Frei Orlando), mudando assim, seu nome de batismo para ser recebido na Ordem Franciscana como Frei Orlando:

"A 24 de outubro de 1937, dois anos, portanto, após o seu regresso da Holanda, aos 24 anos de idade, recebia ordens eclesiásticas o filho de Morada Nova. Deu-lhas, numa bela manhã de sol, em meio à alegria de seus familiares e ao cântico dos anjos, as mãos unguidas de Dom Antônio dos Santos Cabral, um dos mais destacados antístites da Igreja Romana. O jovem Antônio, na sua nova indumentária clerical, rindo e chorando, iniciava, daí por diante, uma nova vida. Deixava de ser Antônio para receber, na ordem, o belo nome de Frei Orlando!"⁶⁴

Como se vê, o preparo espiritual do capelão foi de suma importância na definição de sua ação assistencial aos militares que combateram no Teatro de operações de guerra. Foi pensando neste preparo que a Arquidiocese Militar do Brasil em seu plano pastoral tem como um dos seus objetivos: a pastoral vocacional, que compreende grupos que se propõem a reflexão sobre o

⁶³ **MANUAL DE INSTRUÇÃO RELIGIOSA PARA OS MILITARES DO EXÉRCITO BRASILEIRO, p. 115.**

⁶⁴ **PALHARES, Gentil. Frei Orlando. O Capelão que não voltou, Op. Cit., p.59.**

problema vocacional, na Igreja, e animar a comunidade eclesial pela oração, pela propagação do ideal vocacional, a fim de que suscite vocações sacerdotais, religiosas e leigas, contando sempre com a ação do Espírito Santo. ⁶⁵

⁶⁵ **A SENTINEL** Gentil. Frei Orlando. O Capelão que não voltou, Op. Cit., p.59.

⁶⁵ **A SENTINELA DA PAZ**, p. 31.

3.3. O preparo militar dos capelães e sua ambientação

É preciso, inicialmente, observar que, um dos episódios mais marcante na formação do capelão militar foi o período que os sacerdotes e pastores tiveram que passar em adestramento técnico-militar. Estes momentos podem ser vistos, em situações muitas das vezes, como se estivessem de fato em combate. Preparo físico, ambientação ao terreno com instrução de preparo e ocupação do terreno, adequação à utilização do uniforme, que para muitos chegava a ser um incômodo.

O esforço físico na qual foram submetidos, demonstra que mesmo para àqueles que não estavam acostumados ao rigor militar, tiveram que se ambientar, às interpeles do tempo, aos constantes ataques simulados e o desconforto dos acantonamentos desprovidos de comodidade. Estes momentos eram marcados por grandes mobilizações de tropa em exercício de ocupação ao terreno.

Outro fator que por incrível que pareça ser superável, para alguns, principalmente sacerdotes era de difícil assimilação; trocar a estola sacerdotal pelo uniforme, seria quase que retirar aquilo que fez parte do vestuário durante anos e de uma hora para outra substituí-la pelo uniforme padronizado dos oficiais. Este momento pode ser verificado na biografia do Padre Manoel Inocêncio:

"O primeiro passo para a ambientação militar: o uniforme. Para o clérigo brasileiro a sotaina negra vem sendo, de há meio século para cá, a vestimenta única. Sobre este ponto, talvez por reação contra o relaxamento de séculos anteriores, quando o clero adotava sem restrição o traje secular, têm sido severas as prescrições das autoridades eclesiásticas"⁶⁶.

Observa-se também que o sacerdote tinha dificuldade em celebrar missas em altares improvisados, em campo aberto; isto se fez real quando dos exercícios no morro do Capistrano. O altar era preparado em um tablado coberto e protegido por panos de lona.⁶⁷

Outro aspecto a ser observado em relação a ambientação do capelão, foi a necessidade de nomeação ao posto de oficial subalterno (primeiro tenente) e designação para preencher o cargo em uma das diversas unidades que seguiram para Itália. Este fato se deu de maneira que cada sacerdote ou pastor foi incorporado a uma Unidade operacional para exercer as funções que cabia a assistência religiosa, segundo o que consta na biografia do padre Jacob Emílio Schneider:

"...Tocou a mim o primeiro batalhão, ao Pe. Cavalcanti o segundo e o terceiro ao Pe. Urbano Rausch, e a chefia cabia ao mais velho, que era o Pe. Cavalcanti. Acompanhávamos os soldados em tudo, até na fila do rancho, de marmita na mão, apesar de outros oficiais insistirem em que os acompanhássemos à mesa deles. As missas eram celebradas quase sempre em campo aberto e até em caminhões de carga."⁶⁸

O tempo também era contado como um grande obstáculo, visto que, no deslocamento da tropa, em exercícios de manobra em Gericinó (Capistrano-Rio de Janeiro). As unidades brasileiras, comandadas por oficiais experientes, não perdiam uma oportunidade de testar a tropa em situação real. Esta era a forma

⁶⁶ **RECORDAÇÕES DE OFICIAIS DA RESERVA.** Padre Manuel L. Santos.p. 362.

⁶⁷ **Idem.** p. 363.

bastante real de ambientar-se às noites frias dos campos da Itália; todos sem exceção "sentiram na pele", as agruras de "Sua Majestade o clima":

*"Ninguém se prevenira com agasalhos. Sobreveio a noite e uma ordem de continuar as manobras que não estavam findas. Mas a finalidade primordial de tudo era ver o comportamento da tropa em ocasiões de apertos e dificuldades. Passamos a noite ao relento, noite fria que não terminava nunca, dormindo sobre campos recém-queimados. Ninguém conseguiu dormir. Resistimos bem à prova de vigor físico e adaptação a situações precárias de alimentação, agasalhos e comodidades".*⁶⁹

Além disso, os capelães, assim como todos os militares, teriam que acondicionar seus pertences pessoais em três sacos de lona, com fecho recorreco. No saco "A", iam os utensílios de toalete, roupas de uso imediatos e análogos, tudo serem usados mais adiante, tipo rouparia ambulante. O saco "B" passou a ser empregado depois, com certa malícia, visto que continuavam a guardá-lo mais à frente de combate, no saco "C" vinham acondicionados cobertores e roupas apropriadas à outra estação⁷⁰.

Ademais, deparava-se também com as cansativas formaturas e revistas de fardamento, equipamento e outras providências. Por outro lado, observa-se que o capelão ia tornando-se, logo de início, conhecedor emérito da hierarquia e disciplina impostas aos militares, aproveitamento indispensável à rotina da caserna. Logo àquele religioso que estava acostumado a tranqüilidade do claustro, agora se via envolto a uma outra realidade, a vida austera de militar:

⁶⁸ SCHNEIDER, J. E. Vivência de um ex-capelão da FEB. p. 13

⁶⁹ Idem, p. 13

"Dias após, entretanto, confirmando-se o grau de disciplina da tropa, verificou-se as praças, agora, passavam por Frei Orlando muito sérias, compenetradas e não mais lhe dirigiam a palavra. É que o frade já se encontrava fardado, ostentando, nos ombros, as estrelas de 1º Tenente".⁷¹

Ressalta-se que não era sós o oficial e praça que se empenhavam nas instruções de maneabilidade e manuseio de armamento, além das longas marchas que eram obrigados a percorrerem; os capelães mesmo que não fosse regulamentar e fizesse parte de suas atribuições; participavam atentos de todas as instruções. Nos exercícios de tiro, por exemplo, os ânimos ficavam exaltados, isto mostra na atitude descontraída do capelão Frei Orlando, quando de um exercício de tiro real com o morteiro 81mm:

"Muitas vezes Frei Orlando assistia às instruções ministradas e fazia questão de ficar ciente de tudo, também aprendendo algo que lhe pudesse ser útil. Perscrutador, inteligente, ia tomando conhecimento do manejo e funcionamento das armas, tais como metralhadoras ponto 30, mosquetão, bazuca, morteiros e outras. Tomara contato com o morteiro 81mm e colocava rindo-na boca do cano-a granada para o tiro que estourava ao longe."⁷²

Além disso, a preparação dos capelães para a ambientação se deu sob vários aspectos, seja técnico ou de extremo esforço físico, nossos padres e pastores se saíram bem. Por outro lado, observa-se que essa preparação não foi toda suficiente, pelo fato da tropa possuir pouco tempo para se adequar aos equipamentos que receberiam quando da incursão no território de conflito. Este problema pode ser visto através do escasso tempo no recebimento do armamento moderno, de fabricação americana:

⁷⁰ SCHNEIDER, Jacob Emílio, p. 20.

⁷¹ PALHARES, Gentil. Frei Orlando. O capelão que não voltou, p. 92.

⁷² Idem, p. 97

"Após a estada tranqüila no acampamento de Pisa, onze mil combatentes, meu Batalhão seguiu para Filéttole, onde tivemos uma semana de treinamento, já com armamento moderno, recebido tardiamente. Tempo muito escasso de preparação para o ingente compromisso que nos aguardava." ⁷³

Como se pode notar, a ambientação dos capelães tornou-se a cada dia mais presente e imprescindível à tropa. Os religiosos eram elogiados por seus comandantes, como também pelos soldados; o próprio General Mascarenhas de Moraes fez uma citação quando do final da Guerra, externando elogios aos sacerdotes e pastores que com galhardia e intrepidez auxiliaram os chefes nas missões mais difíceis, levantando o moral da tropa em momentos de extrema animosidade. Este elogio se referia a importância do sacerdote, comparando-o com o alimento sólido (a "bóia" servida aos militares), tão aguardado pelos pracinhas:

"Vou dizer-lhe com franqueza, o que os chefes e os soldados da FEB, lá na frente italiana, pensam de nossos Capelães Militares. Eles conquistaram de tal forma a confiança e a estima dos expedicionários, que nem um só quer passar sem a presença deles. Podem tirar-lhes "a bóia nas horas de perigo, mas não lhes tirem o padre." ⁷⁴

Como se vê a ocupação do morro do Capistrano, na Vila Militar, em Deodoro no Rio de Janeiro, durou de 15 de março de 1944 a 22 de setembro do mesmo ano quando do embarque das tropas da FEB em destino à Europa. Fato este que gerou muita ansiedade por parte dos combatentes que ali estavam a se adestrar para o combate real contra as forças do Eixo.

⁷³ SCHNEIDER, Jacob Emílio, P. 50.

⁷⁴ *Idem*, p. 82.

Capítulo III: O Serviço de Assistência Religiosa junto ao "front" de batalha

É preciso, inicialmente, observar que a guerra é um evento catastrófico e aterrorizante. Vidas foram ceifadas durante este conflito mundial; é nesse ambiente da frente de batalha, espaço profano de desespero, sofrimento e dor que misturam brados de clamor e misericórdia. Por outro lado, observa-se um ambiente de fragilidade espiritual e emocional. É nesse clima de incertezas e iminência de morte que o capelão presta seus serviços.

É necessário frisar que os combatentes em conflito armado por mais que treinados para matar ou morrer, sentem medo da morte. Não há um homem sequer que despreze a maneira que poderá morrer; se for religioso isto fica, mais preocupante, quando segundo o que cada crença em particular ensina a tratar a realidade da morte. Optamos neste trabalho a priorizar a crença cristã haja vista, o objeto de pesquisa estar voltado fundamentalmente na relação dos professos cristãos com o exercício de sua fé.

Podemos também observar que estes militares se deparavam constantemente com o fato de ter que tirar a vida de alguém e o que seria pior, perdê-la de uma forma trágica. Este problema pode ser avaliado de forma a prestar assistência religiosa a esses "pracinhas" envolvidos diretamente no "front" de batalha, onde granadas de morteiros explodiam cirurgicamente nas posições aliadas. Muitos desses soldados quando não eram atingidos fatalmente

por rajadas de metralhadoras, podiam ter mais sorte e ficar mutilados por estilhaços de granadas de morteiros.

É notório que estes homens se sentiam extremamente frágeis e desacreditados; muitos deles, quando descobriam que tinham perdido uma parte de seu corpo, como um olho ou um dos membros superiores ou inferiores, deixavam de lutar pela sua própria sobrevivência se entregando muitas das vezes a uma terrível e destrutível depressão. É preciso frisar que neste momento de dor e desespero, foi imprescindível a participação do capelão militar.

Pode-se perceber através dos diversos relatos de oficiais e cartas de praças que atuaram durante a segunda grande guerra. Levando-se em conta que a assistência religiosa fora criada para a atividade precípua de atendimento espiritual a esses militares. Segundo o que consta na biografia do capelão Jacob Emilio Schneider, os capelães abençoavam os soldados quando do deslocamento para o combate no intuito de proteção divina:

"Sob as ordens e a orientação do Tenente Carlão, Carlos Pinto da Silva, valente gaúcho de eficientes, armando minas, para nos proteger contra alguma incursão. O capelão dava-lhes a bênção, às vezes, a absolvição geral, e dizia: "Agora se virem e boa sorte".⁷³

Por outro lado, observa-se que o capelão, além de prestar seus serviços de assistência religiosa; também diante de situações de perigo se apresentava como voluntário a fim de cumprir missões perigosas na frente de combate. Um

⁷³ SCHNEIDER, p. 68.

desses capelães ficou eternizado em muitas biografias como um herói da FEB, este ministro religioso foi o pastor João Filson Sóren, que ao saber que havia corpos de soldados que tombaram em combate e estava à espera de recolhimento, ele, se encarregou para efetuar a remoção, isto é o que relata Joaquim Xavier da Silveira em seu diário:

*"Uma das primeiras medidas foi retirarmos os cadáveres insepultos dos nossos companheiros que tinham morrido no ataque do dia 12 de dezembro, conservados todo o inverno na neve dos Apeninos. Quem se encarregou de chefiar esse serviço foi o Reverendo Soren, pastor protestante."*⁷⁴

Segundo o que consta na biografia de Agostinho José Rodrigues, em que relata a sensibilidade do capelão Frei Alfredo, lotado no Terceiro Batalhão, que em diálogo com o autor, relata situações vividas na frente de batalha, episódios do dia-a-dia do "front"; estas e muitas outras situações, não são relatadas nos livros sobre a segunda guerra:

*"O Capelão é uma criatura emotiva. Parece exausto. Enquanto interrompe-se nas suas lembranças, acendo um cigarro. Penso seriamente interessado nestes flagrantes que Frei Alfredo vai revelando com uma voz cheia de piedade. Episódios ignorados pela crônica de guerra. Também pelo noticiário do front. Histórias do cotidiano. É o dia-a-dia sofrido do anônimo pracinha. Detalhes que as partes em combate desconhecem."*⁷⁵

Outro episódio bastante comovente e alentador fora demonstrado pelo capelão Juvenal Ernesto da Silva, quando de uma correspondência endereçada ao pracinha que estava entrincheirado em uma posição altamente

bombardeada pela artilharia do inimigo; quando esta correspondência chegou às mãos do reverendo Juvenal, percebeu que estava aberta e eram bombons que a mãe do soldado havia enviado ao seu amado filho; ao notar o carinho que àquela mãe externava, sensibilizou-se e se apresentou ao comando para cumprir a missão de levar a deliciosa correspondência ao sofrido pracinha:

*"Numa ocasião, a mãe de um dos pracinhas enviou-lhe uma caixa de bombons. Ela chegou aberta às mãos do capelão. Restavam poucos bombons. O capelão atravessou um lugar perigosíssimo para entregá-la ao soldado em combate. Foi alertado de que não deveria ir, mas ele insistiu, dizendo que iria levar a caixa de bombons, que era um gesto de grande amor de uma mãe por seu filho. Então um soldado foi com ele, recomendando-lhe para pisar onde ele pisasse, pois corria o risco de passar em uma mina."*⁷⁶

Observa-se também que a dificuldade de direção e controle da tropa na frente de combate, não era só dos comandantes de unidades e subunidades, se fazia presente na responsabilidade de pastorear uma igreja que não estava cadastrada em rol de membros, mas sim posicionada em trincheiras. Ainda no relato do capelão Juvenal, compartilhando sua dificuldade de prestar assistência à tropa que estava em meios às crateras feitas pelas granadas de obuses dos alemães, compartilha que esses homens estavam descrentes de tudo e desesperançados da vida, e sua missão era achá-los e consolá-los.⁷⁷

⁷⁴ **SILVEIRA**, Joaquim Xavier. Cruzes Brancas. Diário de um Pracinha, p. 117-118.

⁷⁵ **RODRIGUES**, Agostinho José. Terceiro Batalhão. O Lapa Azul, p. 171.

⁷⁶ **VOZ MISSIONÁRIA**. Periódico da Igreja Metodista do Brasil- IV trimestre/95. p. 13.

Por outro lado, observa-se que é na frente de batalha onde os infrutíferos ataques em específico ao Monte Castelo, os capelães avançavam ao máximo, procurando levar, como levou, Frei Orlando, a extrema-unção aos que tombavam na linha de frente. E nem sempre utilizavam o conforto de uma viatura na condução para essas investidas, mas seguiam, muitas vezes à pé, subindo e descendo elevações, até chegar ao seu objetivo, levar a palavra de motivação e conforto aos pracinhas.

Um dos gestos de civismo e compromisso com a religião e a pátria se demonstrou pelo Padre Freire, capelão do Regimento Sampaio por ocasião da ocupação do Morro do Castelo:

"O padre Freire, capelão do Batalhão, no momento, iniciou uma série de missas nas localidades em torno de onde se achava o nosso Batalhão. Durante essas solenidades, o nosso capelão fazia um sermão, no qual pregava a paz e a democracia, e falava sobre o Brasil, sobre as razões da nossa presença na guerra, sobre nossos desejos de felicidade para o povo italiano".⁷⁸

Além disso, podemos perceber que a função do capelão muitas das vezes era acrescida de missões de relações públicas e abordagem à comunidades afetadas diretamente com os flagelos da guerra. Em situações de ocupação é que percebemos a simpatia e generosidade dos soldados brasileiros, em especial, do capelão que em muitos momentos servia não só como interprete, mas também de agente humanitário:

⁷⁷ **Idem, p. 13.**

⁷⁸ **UZÊDA,** Olívio Gondim de. Crônicas de Guerra, p. 184.

"Mas o prédio do antigo Quartel General alemão, a despeito de muito exposto aos observatórios inimigos, estava vazio, como tanto gostávamos, e estava otimamente mobiliado. E para lá mudamos o posto de comendo do Batalhão. Para não desgostarmos as bondosas mães, deixamos no colégio a nossa seção de saúde e o nosso Capelão. Montamos depois mandamos açúcar, café, sal, pão, sabão e carne, para o colégio como sempre fazíamos nas localidades que atingíamos..."⁷⁹

Outro aspecto a ser observado em campanha, se caracterizava na maneira que militares utilizavam para esquecer que estavam em um conflito boçal e bárbaro, e a melhor maneira de se disfarçar esta realidade, era com cânticos folclóricos, piadas e quando era oportuno, aplicando golpes para benefício da maioria da tropa. Esses momentos de descontração eram vistos por alguns capelães de forma cômica e muitos deles é claro, menos ortodoxos, não levavam em conta certas peripécias, como, por exemplo, furtar o vinho da eucaristia:

"...Guardei segredo, mas os oficiais tomaram um ótimo vinho, virgem e pagão, isto é, não batizado. Por falar em vinho: os capelães tinham que ter cuidados especiais com o vinho de missa, para não sofrer sumiço. Apreciadores não faltavam, algum talvez por devoção."⁸⁰

Ainda em campanha, o capelão muito das vezes realizava intercâmbio com párocos locais, no intuito de estreitar relações e uma política de boa vizinhança; não foram poucas as ocasiões que os capelães eram convidados para celebrações em paróquias das cidadelas ocupadas pelas tropas brasileiras, uma dessas cidades chamada Marano que ficava à beira da faixa n.º 64 muito vizada pela artilharia alemã. Um desses convites fora feito ao capelão

⁷⁹ **Idem, p. 168.**

⁸⁰ **SCHNEIDER, p. 51.**

Schenider, por ocasião da festa da imaculada Conceição de Nossa Senhora, a 8 de dezembro de 1944:

*"O pároco, padre Antônio Poli, desde logo um grande amigo, me fez rezar missa e ainda me convidou para no dia seguinte, festa da Imaculada, cantar missa solene para seus fiéis e alguns soldados. Relutei, alegando minhas funções de capelão, mas acabei prometendo. Seria uma missa histórica. Os fiéis vinham correndo agachadinhos e junto com os pracinhas lotaram a igreja. Felizmente as paredes eram grossas, mas a visão sobre o templinho era terrível e o vento levantou a fumaça. Até à prefação da missa nos deixaram em paz. Mas durante o canto desta parte, que precede a Consagração, desencadearam o fogo. Não escutava mais minha própria voz e parei e disse ao vigário, que despachasse os assistentes. Respondeu, que não queriam. Esperei passar o barulho e continuei cantando. Ficou por isso mesmo. Mas ao redor da capelinha se viam as crateras das granadas."*⁸¹

É preciso, também frisar, que não só de conquistas, bons relacionamentos e alegres momentos de tenra amizade fez parte da rotina dos capelães da FEB no fronte de batalha, houve momentos de extrema tristeza e infortuitos, como já era de se esperar para alguns, dentre eles, citamos o exemplo do fatídico dia que frei Orlando faleceu vítima de um acidente quando estava a caminho de uma posição para levar a confissão e a comunhão nas companhias do seu batalhão (11º Regimento de Infantaria) que estava combatendo ⁸².

O Regimento em combate teve as suas companhias em posições de difícil acesso, batidas os caminhamentos, distantes, porém, isto não constituía obstáculo para qualquer deles deixar de realizar missas, dar comunhão,

extrema unção ou fazer orações e prédicas. Ressaltamos a importância e o aspecto confortador para os próprios sacerdotes e pastores que procuraram levar a fé, a esperança e a alta estima a todos quantos nas suas posições de combate não poderiam recebê-los ou ter na hora derradeira a palavra amiga e a bênção espiritual de um Frei Orlando, do Pastor Sóren, Pastor Juvenal ou do Padre Elói, dentre outros que atuaram na frente de combate.

Outro momento crucial para participação do capelão no fronte de batalha, era quando os pelotões eram designados para realizar patrulhas, todas as vezes que isto acontecia, se cogitava logo de imediato a súplica da benção do capelão antes de sair ao destino; pois sabiam todos os envolvidos que poderiam sair e nunca mais retornar vivos ou quando muito, mutilados pelo combate iminente.

*"Era consolador encontrar almas eleitas no meio de tanta podridão. E as havia em grande número. Os atos de devoção nunca perderam de todo a freqüência. Quase todos os dias a sinêta funcionava, como no velho Capistrano, rezava-se o têrço, cantavam-se hinos. Aos sábados muitos homens se confessavam para comungar no domingo, e o domingo sempre trazia um pouco mais de vida ao acampamento. Evidentemente, com o fim das operações de guerra era natural desaparecesse aquela tensão nervosa, que fazia o homem procurar o capelão antes de sair para cada patrulha."*⁸³

⁸¹ **Idem**, p. 59.

⁸² **ANDRADE**, Delmiro Pereira. O 11º R.I. na 2ª Guerra Mundial, p.206.

⁸³ **SANTOS**, Manuel Inocência L. Recordações de um Capelão da FEB, p. 369

3.1. Em cooperação nos hospitais de campanha

É necessário observar que, o Serviço de Assistência Religiosa participou integralmente junto aos hospitais de campanha durante as operações de guerra na Itália, levando o conforto e alento espiritual aos convalescentes que estavam internados nos hospitais de campanha. Não foram poucos os feridos que baixavam às enfermarias necessitando de cuidados médicos e por que não dizer também, espiritual.

Muitos daqueles que eram acometidos de ferimentos causados por estilhaços de granadas, tiros de fuzil e alguns com parte de seus membros completamente amputados em consequência dos ferimentos decorrente dos fragmentos de metal que as armas inimigas causavam, chegavam quase que desfalecidos e em estado de choque. É o que relata o Frei Alfredo, capelão do Terceiro Batalhão, o Lapa Azul como era conhecido:

*"Neste posto de saúde presenciei cenas que jamais se apagarão de minha retina. Enquanto se feria, feroz e sangrento, o combate, por vales e montes, nós aqui, médicos, enfermeiros e capelão, manobrávamos com recursos extremos para despertarmos vidas nos corpos esstraçalhados. Ânimo nos espíritos combalidos."*⁸⁴

Um outro aspecto muito interessante que ocorreu nos hospitais dos aliados, fora receber também prisioneiros alemães feridos em combate. Por outro lado, observa-se que por mais que fossem inimigos, eram tratados com humanidade e dignidade. Pode-se perceber isto no diálogo de Frei Alfredo com

⁸⁴ RODRIGUES, Agostinho José. O Terceiro Batalhão. O Lapa Azul, p. 170.

um soldado alemão capturado pelas forças brasileiras e que apesar de estar muito ferido no rosto e quase perecendo, ainda arrumou força para elogiar o cuidado espiritual que o capelão brasileiro estava tendo com sua pessoa:

"De pé, junto dele, sofro também dentro de mim. Tenho soldados amigos no campo santo de Pistóia, nos hospitais, e outros entre aquelas centenas dos socorridos nesses dias, cujas dores morais, deles e dos que ficaram na Pátria distante, não são menores do que as deste soldado alemão. A ambulância está à porta. Todos os feridos são acomodados na padiola e levados pelos seus próprios enfermeiros. O velho guerreiro, antes de partir, aperta-me fortemente a perna e de sua boca deixa escapar este elogio sincero, talvez o melhor penegírio sobre a nossa vida de caridade e abnegação no campo de luta: _ "Capelão, como são bons! Os nossos não fariam por nós o que os senhores estão fazendo." ⁸⁵

Ademais, percebe-se que é neste ambiente de sofreguidão que o capelão se encontra, em meio a feridos, moribundos que as notícias ruins não param de chegar, afetando ainda mais o moral da tropa e por que não dizer também dos oficiais que tinham a responsabilidade de comandá-los e cuidar do seu bem-estar físico e moral, responsabilidade esta que sobrecai nos ombros dos capelães da FEB a todo o momento.

"Muitas novidades traziam do combate: "Capelão, morreu o sargento Randi! Morreu o Rubens..." Ah! e quantas não eram as novas, entre jacosas e tristes, que nos traziam! Dizem – assim rezam as notícias – que, depois de recolhidos os mortos, uma bandeira nazista foi encontrada em mãos do sargento Randi!. ⁸⁶

Foi notória a prestação do serviço de assistência religiosa nas posições mais avançadas dos batalhões. Continuamente os sacerdotes e pastores iam realizar visitas nos hospitais de campanha na finalidade de levar apoio moral,

⁸⁵ RODRIGUES, Agostinho José. Terceiro Batalhão. O Lapa Azul, p. 173.

⁸⁶ *Idem*, p. 173.

espiritual e também levantar as necessidades; com isso, aproveitavam para levar correspondências e confortá-los.

*"O Padre Emílio e o pastor Sorén foram diversas vezes às posições mais avançadas do Batalhão levar aos nossos soldados o estímulo da sua fé e o fortalecimento da crença. O Padre Emílio ia continuamente aos Hospitais em visita aos feridos do Batalhão, saber-lhes as necessidades, levar-lhes correspondência, confortá-los."*⁸⁷

Um outro fator preponderante na linha de frente em relação aos enfermos e feridos era como tratá-los adequadamente e como evitar que os soldados mais ariscos se fizessem passar por doentes graves só para se livrar do combate e ter um cuidado que dificilmente teria no fronte de batalha. Volta e meios alguns pracinhas simulavam dores fortes de cabeça e até mesmos sintomas de palidez e vômitos para poderem ser baixados à enfermaria; com isso, livrar-se das missões, das patrulhas e se a mentira pegasse, poderiam até ser licenciados por incapacidade física, isto se uma junta médica competente e alerta atestasse favoravelmente tal procedimento.

*"O comandante do Batalhão compreendeu perfeitamente do que se tratava, aponta o mal ao capelão do Batalhão, convoca o auxílio sempre valioso do capelão protestante do Regimento, o pastor Dr. Soren, apela para os seus bravos capitães, e reúne os dois médicos do Batalhão em busca de uma solução. Concluímos que havia necessidade de criação de uma enfermaria anexa ao posto de socorro do Batalhão."*⁸⁸

Como se vê, foi de extrema importância a participação dos capelães militares junto aos hospitais de campanha. Muitos são os relatos de ex-combatentes que se viram em situação de desespero e grande agonia e que na

⁸⁷ UZÊDA. Olívio Gondim Ten Cel. Crônicas de Guerra, p. 183.

⁸⁸ UZÊDA, p. 65.

hora da dor, suplicaram pela ajuda espiritual dos religiosos de farda; alguns não tinham a oportunidade de em vida agradecer os cuidados dos capelães; seria o caso, dos soldados moribundos tombados no fronte de batalha, só aguardando a extrema-unção do sacerdote ou uma oração de consolo do pastor protestante.

3.2. Toque de silêncio! Ascende um herói aos céus

É necessário, observar que, um dos apóstolos que identificamos como herói nos campos de batalha na Itália, não tombou por ter sofrido nenhuma incursão mortal; não tombou alvejado por projéteis inimigos, nem tentando matar outro ser humano. Sua missão foi de paz, de fraternidade, ternura e sustento espiritual para àqueles que estavam lutando. Este militar foi o Frei franciscano Antônio Álvares da Silva, o Frei Orlando, capelão que integrou a Força Expedicionária Brasileira.

Procuramos aqui neste ponto da pesquisa relatar alguns acontecimentos importantes para lembrança histórica da atuação do SAREX na Segunda Grande Guerra. Optamos por trabalhar em breves linhas, a sucinta biografia daquele que foi identificado e destacado como exemplo de sacerdote e capelão militar, chegando a ser nomeado mediante Portaria Ministerial o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.

Frei Orlando nasceu em Morada Nova de Minas Gerais, no Alto São Francisco aos 13 de fevereiro de 1913. Aos 18 anos, em 17 de fevereiro de 1931 seguiu para a Holanda, em resposta ao seu chamado sacerdotal, ingressou na Ordem Franciscana Menor. Permaneceu na Holanda até 1935, quando retornou ao Brasil, onde foi ordenado sacerdote aos 24 anos de idade, à 24 de outubro de 1937. Naquele mesmo ano ele é designado para o Convento de Santo Antônio, que era dirigido desde 1908 pelos Frades Franciscanos Menores.

Com o passar do ano de 1944, via-se, pois, que a Força Expedicionária Brasileira, era atingida pela 5ª Coluna, para desmoralização das tropas aliadas. Enquanto isso, aqui no Brasil, nossos jovens incorporavam aos contingentes das Forças de terra, ar e mar. Na pequena cidade de São João Del-Rei, não era diferente, pois ali existia o 11º Regimento de Infantaria, Unidade esta, que mais tarde seria um referencial para FEB.

Certo dia, Frei Orlando recebe o convite do Comandante do Regimento, o coronel Delmiro Pereira de Andrade. Ao comparecer ao quartel o Comandante o convida a integrar-se naquela empreitada militar com a finalidade de prestar assistência religiosa àqueles jovens que iriam combater nas pragas italianas.

O jovem sacerdote imbuído do seu dever de cidadão e patriota providenciou logo a autorização de seus superiores eclesiásticos. Mas por motivos que não pudemos desvendar, a ordem dos seus superiores hierárquicos não chegava, atrasando assim o seu prosseguimento junto ao 11º RI para o Rio de Janeiro, então capital federal.

Na manhã do dia 20 de julho de 1944, aparece no acampamento, risonho e feliz, como era seu temperamento Frei Orlando. Frei Orlando estava incluído no Efetivo do 11º Regimento de Infantaria, e nomeado no posto de primeiro tenente. Fora destacado para compor os quadros na Companhia de Comando Regimental, à qual pertencia também o tenente Gentil Palhares, seu biógrafo. Com o tenente Antônio Álvares da Silva (Frei Orlando), apresentaram-se os capelães: Frei Alfredo do qual já tecemos alguns comentários e o Padre Eloi de Oliveira.

O bom humor de Frei Orlando era sua marca que o identificava dentre seus pares. Com sua descontração peculiar, conseguia também descontrair a todos ao seu redor, católicos ou não. Sabia como ninguém a arte de atrair e estimular as pessoas. Sempre rodeado de soldados, o capelão passou seu primeiro dia em expansões de seu espírito, entre cantos de samba e canções patrióticas acompanhado de sua inseparável gaita.

"Era muito brincalhão e fazia a gente rir, contando anedotas e piadas. Rigorosamente fardado, apresentava-se garboso e elegante e, não fora a cruz dos capelães na gola da túnica, julgá-lo-iam um autêntico oficial combatente." ⁸⁹

O alto destaque e a confiança que o comando tinha em relação a Frei Orlando, o posicionou como líder dos capelães, mediante indicação do capitão Rodarte, a fim de orientá-los na nova vida militar.

A gaita de Frei Orlando soava como toque de corneta, sinal convencionado, anunciava a hora do terço que era rezado sob o faiscar das estrelas."Terminando o terço, os companheiros se dispersavam pelos barracões do acantonamentos. Depois ficavam a sós no alojamento, sentados na mesma cama de campanha, conversando tempos esquecidos, noite adentro, já muito após o toque de silêncio..." ⁹⁰

Finalmente, no dia 21 de setembro de 1944 levantaram o acantonamentos e se dirigiram à pé até a estação da Vila Militar, Deodoro, onde embarcaram nas composições da Central rumo ao porto, aonde deveriam

⁸⁹ PALHARES. Gentil. Frei Orlando. O Capelão que não voltou, p. 93

⁹⁰ Idem, p. 98

embarcar no navio "General Meighs", que seguiria destino à Itália, ao Teatro de Operações de combate. Durante a viagem, o tenente capelão Orlando, gritava pelo convés do navio: a cobra vai fumar! a cobra vai fumar!, mais um gesto de motivação e descontração que Frei Orlando utilizava para distrair os pracinhas, não permitindo que ninguém ficasse triste.

*"Desde que vim para a linha de frente, estou sempre no Posto de Saúde Avançado, a fim de atender aos feridos que chegam do campo de luta. De fato vivo zanzando por toda parte, hoje aqui, amanhã ali, dormindo ora neste, ora naquele lugar, sempre em primeira linha. Até hoje, graças a Deus, nada sofri. Ao contrário, estou sempre disposto, alegre e sempre animando a turma."*⁹¹

O franciscano a serviço do Brasil dera a prova inequívoca de sua obediência e respeito às prescrições do seu sacerdócio, demonstrando uma eloqüente existência ilibada. Nos infrutíferos ataques ao Monte Castelo avançava ao máximo, procurando levar, como levou, a extrema-unção aos que tombavam na linha de frente do combate. E como era sua característica, nem sempre se contentava em aguardar que fosse providenciado transporte para ir até estas posições, que eram castigadas pelas investidas constantes do inimigo, mas seguia a pé, subindo e descendo elevações.

O 1º Regimento de Infantaria, o Regimento Sampaio, apoiado pelo 11º RI ataca furiosamente os alemães, que menosprezavam as possibilidades dos militares brasileiros, agora estavam em grande agonia, sob o impacto da ação conjunta da Artilharia e da Infantaria Expedicionária, os inimigos começaram a

⁹¹ *Idem*, p. 151.

sentir o avanço perseverante das tropas brasileiras com a finalidade de conquista de Monte Castelo, façanha esta, que os aliados (tropas americanas) não haviam conseguido.

Foi nesse clima de tormenta e combate acirrado que Frei Orlando imbuído de sua responsabilidade de sacerdote, ajustou seu equipamento, apanhou o estojo de hóstia colocou em seu bornal e saiu elevação acima, galgando as estradas danificadas pelas crateras do causadas pelos fogos da artilharia de ambos os lados, ninguém conseguiu detê-lo do intento de prosseguir naquela missão perigosa, alertando-o ao perigo a que estava se expondo o capelão da FEB.

Durante o percurso, mais ou menos na metade do caminho em direção onde estava a posicionada a 6ª Companhia rumo a cidade de Docce, itinerário que foi recomendado pelo Major Orlando Gomes Ramagem, comandante de sua Unidade, assegurando que seria mais seguro. Quando se encontrava aproximadamente a 300 metros, da rodovia Bombiana, passou por eles uma viatura, inteirado da direção da viatura, nela tomou assento, tendo por companheiros o Capitão Francisco Rua Santos, o Cabo Gilberto Torres, que dirigia àquele Jipe, um pracinha do 2º Batalhão e um Sargento italiano, posto à disposição da tropa brasileira, para os serviços de transporte em montanhas.

O Coronel Ruas, assim descreve, em seu relatório, a continuação da viagem até o desfecho trágico e fatal para o compenetrado capelão:

*"Frei Orlando, em caminho, depois de dizer o que fizera pela manhã, e o que ainda pretendia fazer, falava de uma irradiação feita pelos holandeses livres, para a parte ocupada de seu País. A uma observação qualquer ainda soltou uma de suas costumeiras gargalhadas. O Jipe marchava lentamente, subindo e as elevações, quando, de repente, estaca imobilizado por uma pedra. Prensia o eixo dianteiro. Os passageiros conseguem retirar a viatura que é posta a alguns metros da pedra fatídica."*⁹²

Continuando a descrever o episódio, o Coronel Francisco Ruas Santos:

"Tomo a manícula do Jipe e me esforço por removê-la. O Sargento italiano, no intuito de ajudar-me, recurva-se junto à pedra e também tenta retirá-la a violentas coronhadas de sua carabina. esta dispara e Frei Orlando, que Solta um grito, leva a mão ao peito, dá alguns passos à frente, tirando ao mesmo tempo do bolso do casaco o seu terço e balbuciando, às pressas, uma Ave-Maria. Corro para ele e faço deitar no caminho. A oração, apenas começada, é abafada pelo ofegar da agonia. Tudo isso, desde o fatal disparo, dura dez segundos."⁹³

O socorro médico foi logo providenciado, e quem foi requisitado para ir até o local do sinistro foi o Capitão João Batista Pereira Bicudo, facultativo do Batalhão. Este pode apenas verificar que o Capelão já estava morto, desde o momento, talvez, que acabara de ser deixado à margem do caminho (Rodovia Bombiana). O médico descobre-se, pesigna-se e reza pela alma de Frei Orlando, no que foi prontamente seguido pelo Coronel Ruas e o Cabo.

⁹² PALHARES, p. 168.

⁹³ Idem, p. 168.

Eram aproximadamente, 14 horas do dia 20 de fevereiro de 1945. Frei Orlando contava 32 anos e 7 dias. No dia seguinte, 21 de fevereiro, finalmente a FEB conquistou Monte Castelo.

*"Frei Orlando prestou, heroicamente, toda a assistência de sua religião aos nossos companheiros, vítimas do cumprimento do dever. Não se punha à retarguarda nem se conformava em ser mero espectador de um duelo. Ia assim procedendo, cumprindo rigorosamente os seus deveres para com Deus e a Pátria, o que para nós não constituía segredo nem surpresa, dando o nosso amigo exuberante demonstração do seu profundo sentimento cristão e cívico."*⁹⁴

Entre os Capelães que integraram a Força Expedicionária Brasileira, destacou-se a figura de Frei Orlando, o Capelão Antônio Álvares da Silva, morto às vésperas da tomada de Monte Castelo, no dia 20 de fevereiro de 1945, quando fazia a sua última caminhada para levar o alento da fé aos soldados do seu batalhão, em posição para ataque final àquele bastião inimigo. No dia 28 de fevereiro de 1946, o Decreto Lei n.º 20.680 erigia Frei Orlando em Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.

⁹⁴ PALHARES, p. 148.

3.3. A preparação para os festejos do Natal dos "pracinhas" e as últimas missões do SAREx

É importante, observar, que mesmo diante da sofreguidão, das agruras do combate na linha de frente, os capelães eram solicitados pelos militares brasileiros com a finalidade de celebrar diversas cerimônias; entre missas, batismos, funerais e até matrimônios, os religiosos de farda celebravam a festa do natal; momento este de intensa emoção e saudosismo.

Pode-se ressaltar que, na época de natal os "pracinhas" viviam momentos de extra tristeza, pois não podiam estar comemorando a festa do nascimento de Jesus Cristo com seus familiares, não podiam realizar compras como todo cidadão normal, deglutir uma deliciosa ceia com direito a peru e vinho. Este era um dos aspectos debilitadores do moral do pracinha nesta época do ano.

É importante ressaltar que, mediante este clima de tristeza; o Comando de algumas Unidades sabedor da dificuldade que cercava a todos os militares envolvidos no Teatro de Operações de Guerra, prontamente providenciou juntamente com o apoio do Serviço de Assistência Religiosa os preparativos para que o "pracinha" tivesse a oportunidade de pelo menos participar de uma ceia de natal a altura das outras que já haviam participado antes do engajamento no conflito.

*"Em circunstâncias tão paradoxalmente felizes convinha festejarmos a data máxima da cristandade da melhor maneira possível e todos procuraram cooperar. Por sorte nossa, alcançou-nos naqueles dias a comunicação da dispensa total do jejum eucarístico para os combatentes. Isto facilitava sobremaneira o trabalho dos capelães."*⁹⁵

Nesta época, o capelão aproveitou para celebrar missas e ouvir confissões da comunidade local italiana, além de participar da montagem do presépio. Havia muita comida, festejos, abraços e felicitações, tudo como deveria acontecer em uma noite de Natal.

*"Ouvi as confissões, também dos italianos, e recordo-me, que na prática falei, que, como Jesus veio para salvar, também nós tínhamos vindo de longe, para salvar a humanidade da tirania. Na noite seguinte foi servida uma lauta mesa de iguarias, dos Estados Unidos, do Brasil e da Itália, tudo muito bom, mas pôde encontrar de bom. Cantos, discursos, votos de boas festas, visita ao presépio, comes e bebes, tudo muito bom, mas o pensamento voava para longe, atravessando o Atlântico, para se concentrar num lar, no respectivo lar, junto aos familiares."*⁹⁶

Durante os festejos de Natal, houve doações da além Pátria, com o envio de caixas de papelão cheias de presentes destinados aos pracinhas que passariam o Natal no "front" de batalha. Estas doações foram feitas por intermédio da Legião Brasileira de Assistência. Ressalta-se que foi uma mobilização de todos os rincões do Brasil.⁹⁷

Além disso, os capelães celebraram várias missas durante o dia de Natal. Mesmo diante da dificuldade do inimigo não dar tréguas, quando era possível um cessar fogo, os militares paravam para realizar suas reflexões espirituais, lembrando sempre da Pátria e dos entes queridos que estavam do outro lado do Atlântico aguardando o retorno de seus filhos.

⁹⁵ SCHNEIDER, p. 68.

⁹⁶ Idem, p. 69.

*"O Natal de 1944, foi passado com a saudade nos atormentando o coração. Pela manhã foi celebrada missa em todo o Regimento e à noite as Companhias realizaram solenidades simples aproveitando-se a ocasião para fazer a distribuição dos objetos enviados. O pensamento, esta magna concepção criadora, atravessava célebre o espaço e nos punha em contacto com a nossa terra onde fenômeno idêntico se passava. Revíamos os nossos lares, os entes amados, os amigos e os olhos transformavam-se insensivelmente em fontes sinceras de lágrimas puras como o aljovar da madrugada. E nesse ambiente de fé e civilidade transcorreu longe do aconchego sagrado da família a data magna cristã – o dia de Natal."*⁹⁸

Como se vê, nos relatos do Capitão Antorildo Silveira, a assistência religiosa procurou suprir a carência espiritual e fraternal por ocasião do Natal; atendendo assim, de maneira humanitária àqueles que estavam longe de suas famílias, assim como também houve esforços por parte da sociedade civil brasileira no intuito de cooperar com doações de presentes para os militares.

Outra celebração que se fez necessário tamanho sua importância foi a solenidade religiosa pelos mortos em combate, àqueles que tombaram durante as Operações de guerra nos campos da Itália. Esta solenidade ocorreu por ocasião do fim da guerra; a celebração religiosa ficou a cargo do então chefe do Serviço de Assistência Religiosa da FEB, o Tenente Coronel Capelão João Pheoney Camargo e Silva que celebrou a missa na Catedral de Madona della Salve, Alessandria, às 10 horas do dia 11 de maio de 1945:

⁹⁷ **SILVEIRA**, Antorildo. O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário, p. 92.

⁹⁸ **Idem**, p. 93.

*"O sentimento de respeito à memória dos companheiros tombados no campo da luta, as suas saudades, a evocação dos lances de bravura em que perderam as suas vidas e a expressão indiscutível de suas figuras de Heróis do Brasil, constituíram razões profundas para lhes ser prestada, de imediato, uma homenagem religiosa e cívica por iniciativa do Comando da 1ª D.I.E e da FEB. Na Catedral de Madona della Salve, de Alessandria, com um magnífico cenário, adequadamente preparado para uma das mais significativas cerimônias religiosas, e ornamentada com símbolos e motivações da FEB e do Brasil, foi celebrada no dia 11 de maio de 1945, pelo Capelão-Chefe, Padre João Pheeney Camargo e Silva, acolido por outros capelães brasileiros, missa solene pelas almas de nossos valorosos patrícios."*⁹⁹

Estes militares, incluindo o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército (SAREX), o Frei Orlando, que tombaram em combate, foram sepultados em um primeiro momento no Cemitério Militar de Pistóia, donde posteriormente iriam ser transferidos seus restos mortais para o Monumento em homenagem aos mortos da Segunda Guerra, sediado no Bairro do Aterro do Flamengo, Rio de Janeiro.

*"Assim os nossos pracinhas lutaram, combateram. Várias centenas tombaram. E os comandantes, após as refregas, reuniam os seus comandados. E eram chamados, em formatura, seus números. E de quando em vez se ouvia a resposta: morto em ação. E desta forma passaram as horas, os dias, os meses. E finalmente a vitória. A vitória da nossa gente. Mas lá em Pistóia descansam várias centenas de bravos, com o capelão militar Frei Orlando, à sombra de ciprestes e da bandeira brasileira. Um dia, porém, seus restos mortais virão para o Panteão, junto ao monumento do patrono do nosso Exército."*¹⁰⁰

O General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, ao término do conflito emitiu várias referências elogiosas aos vários grupamentos, sendo um deles o do Serviço Religioso. Em que enaltece a valorosa contribuição dos sacerdotes e pastores que com abnegação cumpriram a missão na qual foram

⁹⁹ PINHEIRO, José Juarez Bastos. A FEB na Segunda Guerra Mundial, p. 74.

¹⁰⁰ REVISTA DEFESA NACIONAL. Artigo do Padre P. J. BUSATO, Jan de 1954.

empenhados; este elogio pode observar nas páginas da antologia do Tenente Coronel Raul Matos A. Simões:

"Acompanhando com desvêlo a vida do soldado, fortalecendo-lhe a convicção na dignificante missão que veio executar tão longe da Pátria, confortando-o nos momentos de crise com palavras de amigo ou com os sacramentos da Igreja, esses pastores de alma têm grandemente auxiliado a ação do comando." ¹⁰¹

Em nota da biografia do capelão Jacob Emílio Schneider, cita o parecer do Coronel Brayner elogiando os capelães pelo desempenho de maneira a se identificá-los com a tropa de maneira exemplar, levando assim um bom relacionamento que segundo o Coronel, seria imprescindível tanto na guerra como na paz:

"Finalmente concluiu o Coronel Brayner: O meu parecer é este: Os Capelães se identificaram de tal modo com a tropa e esta com eles, que o Exército jamais poderá dispensá-los, nem na guerra, nem na paz." ¹⁰²

Na obra do Major Olívio Gondim de Uzêda, faz-se referência ao episódio do fim da guerra em que o Bispo de Piacenza agradecendo a cooperação e gentilezas dispensadas por ocasião da celebração da missa na Basílica de São Francisco, cidade de Piacenza; foram designados para esta missão o Capelão Francisco Freire do 1º Batalhão de Infantaria do Regimento Sampaio, segue na íntegra o conteúdo da carta de agradecimento do Bispado da Cúria de Piacenza:

¹⁰¹ SIMÕES, Raul Matos A. A Presença do Brasil na 2.ª Guerra Mundial. Antologia, p. 164.

¹⁰² SCHNEIDER, p. 83.

"Piacenza, 11 de maio de 1945.

Ilmo Sr. Comandante:

Cumpro o grato dever de manifesta-lhe o meu mais vivo reconhecimento pela visita que se dignou de fazer-me em companhia do Capelão Francisco Freire, e pela cerimônia religiosa mandada celebrar a 1º de maio do corrente, na Basílica de São Francisco. O Sagrado Ofício assumiu caráter altamente solene pela ilustre presença de V.S. dos oficiais e soldados as vossas ordens. A compostura e devoção reveladas por todos suscitaram viva admiração no povo numeroso que ali compareceu, enquanto as palavras nobres e confortadoras do Rvmo. Capelão, depois de celebrado o Divino Mistério, e entoadas na hora trágica que passa, trouxeram comoção profunda a todos os presentes. Fico cordialmente agradecido pelo magnífico exemplo dado e formulo os mais calorosos votos para que o Céu proporcione a V.S. as mais preciosas bênçãos.

Com obsequiosa deferência.

De V.S. ilustríssima, muito devoto, as. ERSILIO, Bispo

Ao Ilmo. Sr. Comandante

Major Olívio Gondim de Uzêda.

1º Batalhão de Regimento Sampaio."¹⁰³

Podemos perceber ao vasculharmos a documentação guardada no acervo do Arquivo Histórico do Exército; vários relatórios que foram emitidos pelos comandos de Unidades e Subunidades por ocasião do término da guerra, dentre eles, ressaltam a transcrição feita pelo Padre João Pheeney Camargo e Silva, Tenente Coronel, chefe do S.A.R(Serviço de Assistência Religiosa), em que cita em anexo, além do seu relatório final endereçado ao Comandante da FEB, o então General Mascarenhas de Moraes, os relatórios dos demais capelães:

¹⁰³ UZÊDA, Ten Cel.Olívio Gondim.Crônicas de Guerra, p. 177-178.

*"Exmo. Sr. General:
Apresentamos a V. Excia. O Relatório das atividades dos Capelães a V. Excia., Sob cujas ordens estivemos na campanha da Itália. O denodo e a clarividência com que V. Excia soube dirigir FEB., nos serviu de incentivo para com mais intusiasmo cumprimos o nosso dever. Queremos, ao mesmo tempo, pôr em relevo aqui a nossa gratidão aos bravos oficiais e soldados que sempre nos trataram com deferência e amizade. Quando daqui partimos, foi nosso intento fazer do nosso valoroso apostolado um meio de servir ao Brasil, auxiliando o nosso valoroso soldado a cumprir o dever austero e nobre de combater pela liberdade e pelo direito."*¹⁰⁴

O mesmo Chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Exército abriu um espaço para que seguisse em anexo algumas transcrições de outros relatórios emitidos de seus capelães. Podemos notar que a assistência prestada aos militares em conflito no Continente Europeu foi algo de essencial à Tropa que partiu para o Velho Mundo; observa-se o empenho desses capelães no seu dia a dia, quer seja no ardor do combate frente ao inimigo ou nos acampamentos fora da linha de frente, ou seja, nos Hospitais de Campanha. Isto pode observar pelo conteúdo do relatório do Capelão Padre João Batista Cavalcante:

*"Nomeados, em 4 de julho de 1944, para o 1º R.I., fomos logo apresentados ao sr. Cel. Agnaldo Caiado de Castro, comandante do Regimento, e aos demais Oficiais, dando assim início ao nosso trabalho que pela bondade e orientação do comandante e demais oficiais e praças, pudemos preparar nossa primeira festa religiosa. Estiveram presentes o sr. Arcebispo que celebrou a santa missa. Sua Excia, O ministro da Guerra e mais alguns Generais. Foram distribuídas 250 comunhões e entregues as braçadeiras aos Capelães e benta e flâmula oferecida ao Regimento pela noite. Os demais dias correram normais, estando os sacerdotes durante todo o expediente ao quartel ora em contacto com os Oficiais, ora com as praças, afim de adquirir de ambos aquilo que eles precisavam, a confiança em seu Capelão."*¹⁰⁵

¹⁰⁴ RELATÓRIO FINAL DO S.A.R. AO COMANDANTE DA FEB, p.1

¹⁰⁵ RELATÓRIO FINAL DO S.A.R. AO COMANDANTE DA FEB, p. 2

Outro relatório que demonstra uma efetiva e boa relação entre os oficiais e praças da FEB, é encontrado no trecho da transcrição do Capelão Padre Jorge Brito, em que relata que este bom relacionamento era um dos melhores possíveis, contando sempre com o grande número de amigos que os religiosos iam angariando através da assistência prestada à tropa, que prontamente prestava todo o apoio devido aos capelães¹⁰⁶.

¹⁰⁶ **Idem, p.2.**

CONCLUSÃO

As relações entre guerra e religião são numerosas. A partir do século XVIII os filósofos não deixaram de destacar a importância de inúmeras guerras de religião, entre elas a Djihad e as Cruzadas. A religião pode impor a guerra por razões exclusivamente materiais.

A guerra, portanto, pode originar obrigações morais, impostas aos homens pela crença, o que lhes configura uma causa justa. Por outro lado ao dar à guerra motivos que transcendem a agressividade, a religião concorre com o direito, o costume e a moral, para domar, orientar e canalizar a guerra.

O Cristianismo retomou as invocações a Deus. Elas foram às fontes da conversão de Constantino e, depois, de Clovis. Os exércitos cristãos, mesmo combatendo uns contra os outros, nunca deixaram de invocar ao "Senhor dos exércitos" antes do combate. Até um ritual foi criado para antes de toda batalha campal, incluindo uma absolvição coletiva dos pecados, dada pelos capelães militares àqueles que se arriscavam à morte. A prática foi mantida até o século XX em certos exércitos.

Em maio de 1944, o General Clark, comandante do V Exército americano diante de Roma, dirigiu esta mensagem às suas tropas: *"Com a ajuda de Deus e inspirados por ele, marchareis para vitórias tão grandes quanto decisivas"*. E durante a ofensiva das Ardenas, o General Patton pediu ao capelão militar que fizesse uma oração para obter de Deus a volta de um tempo favorável.

Essa oração, recitada pelos combatentes, foi atendida, e Patton condecorou o capelão.

Já a Bíblia nos diz: *"O homem sobre a terra deve servir como um soldado e seus dias são como os de um mercenário"*. E Lacordaire observava que nenhuma analogia é mais surpreendente do que aquela dos religiosos e do soldado. A disciplina é a mesma, como é a mesma a dedicação. Uma verdadeira osmose se estabelece entre o vocábulo militar e o religioso. Ele é encontrado constantemente nas cartas de São Paulo, bem como na pena de autores sacros, cujas expressões, como "couraça da fé" e outras.

A partir do momento em que os hebreus, com Josué se tornaram guerreiros, o Deuteronômio impôs um ritual para a entrada em guerra e fixou as condições para a ação bíblica. Platão declarava: "É bom que o adivinho dê ordens ao general, e não o general ao adivinho". Podemos perceber que em todas estas passagens atestamos a relação íntima do soldado com a religião e encontramos também um elo de ligação direta, o capelão militar, este profissional, como já observamos em citações anteriores exerce uma influência predominante sobre os militares, influencia essa que está intimamente ligada as sua formação profissional e religiosa.

Como se vê, tentamos ressaltar nessas laudas um pouco daquilo que levantamos nos arquivos e acervos militares; não tivemos aqui, a pretensão de construir um manual de capelania militar, mas creio que a pesquisa servirá como construção histórica da atuação do capelão militar, fonte de consulta para os capelães hoje envolvidos no processo de assistência religiosa, não só do

Exército, no qual optamos em direcionar nosso objeto, mas também para outras Forças, como a Força Aérea Brasileira e a Marinha do Brasil, não excluindo é claro, as Forças Auxiliares, como a Polícia Militar e o Corpo de Bombeiro Militar.

Procurou-se nessa pesquisa abordar toda a trajetória histórica em que o Serviço de Assistência Religiosa percorreu até os nossos dias. Por outro lado, tivemos dificuldades em atuar na pesquisa de campo (entrevistas), haja vista a impossibilidade de contactar os sacerdotes e pastores que participaram da FEB pelo fato de distância e muitos já terem morrido. O SAREX segundo o que se levantou nesta pesquisa procurou desempenhar o seu papel espiritual da melhor maneira possível, mesmo que para isso fosse preciso sacrificar a vida de seus integrantes como foi a de Frei Orlando.

Podemos ressaltar que o Serviço de Assistência Religiosa vêm prestando serviços às Forças Terrestres e Marítimas desde a inserção do catolicismo romano no novo mundo, ocasião em que foi celebrada a primeira missa em Porto Seguro, quando o então capelão da esquadra de Pedro Álvares Cabral aportou na Bahia de todos os santos.

Já em um segundo momento da história militar dos colonizadores portugueses, observa-se durante as Entradas e Bandeiras, em que tinham o objetivo de desbravar o interior do Brasil em busca de metais preciosos e colonizar as regiões ainda não ocupadas; com isso, valeu-se de levar junto a sua comitiva sacerdotes para abençoar a missão, além de catequizar os índios que eram recrutados para o serviço braçal. Estavam, entre estas tropas,

sacerdotes das Ordens: Jesuíticas, Franciscana e Carmelita; e eram eles que arregimentavam os índios.

Com a organização inicial em 1850, serviram os Capelães nos mais diversos rincões do país e nas Campanhas do Uruguai e do Paraguai, enfim, onde quer que se encontre o Exército Imperial no cumprimento de suas missões. Foi mais tarde, através de um decreto do Imperador que foram instituídos os direitos e deveres dos integrantes deste Serviço Religioso. Terminada a Guerra do Paraguai, o Serviço de Assistência Religiosa foi reformulado. O Serviço Religioso do Exército, até então denominada Repartição Eclesiástica do Exército passou a denominar-se Corpo Eclesiástico do Exército.

Extinto desde a separação da Igreja do Estado, como decorrência da Proclamação da República, o Serviço de Assistência Religiosa do Exército ressurgiu em maio de 1944, como decorrência de necessidade de ser prestado o indispensável apoio espiritual aos militares que, então, se preparavam para participar da Segunda Guerra Mundial. É a partir deste momento, que nos debruçamos a pesquisar o objeto, levando-se em conta a documentação existente nos arquivos histórico do Comando do Exército Brasileiro.

Acreditamos que esta monografia cumpre, pois, o objetivo de tentar elucidar mais as conexões entre duas instituições que são, sem dúvida, importantes componentes no campo social, político e religioso brasileiro. Não poderíamos imaginar ou traçar a história do Exército brasileiro sem verificar a participação dos capelães em ação nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Sem dúvida, foram fundamentais para a Instituição militar.

Hoje o menor entusiasmo pela Igreja nos quartéis se explica, em parte, em função da maior pluralidade na oferta religiosa - espírita e evangélica, entre outras -, mas principalmente pela mudança das linhas políticas, e conseqüentemente simbólicas, da própria Igreja e do Exército.

FONTES CONSULTADAS

FONTES PRIMÁRIAS

CADASTRO INDIVIDUAL DOS SACERDOTES E PASTORES.

Fichas de inspeção médica e currículos dos voluntários ao ingresso no quadro de capelães. Rio de Janeiro, Acervo do Arquivo Histórico do Exército, 1944.

CAMPOS, Aguinaldo J. S. Com a FEB na Itália. Páginas do meu diário. Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1970. 238p.

INOCÊNCIO, Manoel. L. S. Padre. Recordações de um capelão da FEB. Depoimentos de Oficiais da Reserva da FEB, Rio de Janeiro, 359-370p.

MORAES, João B. Mascarenhas de. Memórias. 2ed. Rio de Janeiro, BibliEx, 1969. 347p.

_____.A FEB pelo seu comandante. São Paulo, Instituto Progresso, 1947.

RELATÓRIO FINAL DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DA FEB.

Relatos do Capelão Chefe do SAR ao Comandante da FEB.

SILVA, Ernani A. Memórias de um soldado. Rio de Janeiro. BibliEx, 1985 36 a 38 p.

SILVEIRA, J. M. X. Cruzes brancas. Diário de um pracinha, Rio de Janeiro, BibliEx, 1963, 218p.

SCHNEIDER, Jacob Emílio. Vivência de um ex-capelão da FEB. 1ed. Curitiba, 1983, 158p.

RIBEIRO, Sebastião B. Diário de Campanha, : Belo Horizonte, 2002.

WEISER, M. Memórias. Rio de Janeiro, BibliEx, 1969.

SANTOS, Francisco R. Fontes para a história da FEB: ensaio. Rio de Janeiro, BibliEx, 1958. 154p.

RAMOS, José. de O. A Epopéia dos apeninos. Rio de Janeiro: Laemmert, 1947, 262p.

TAUNAY, Alfredo d'Éscragolle, Visconde de. Memórias. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

UZÊDA, Olívio G. Crônicas de Guerra. Alagoas: Imprensa Oficial, 1947.

PERIÓDICOS

A SENTINELA DA PAZ. Revista da Arquidiocese Militar do Brasil: "Ser Capelão Militar. Brasília – Jun/Jul/Ago – 1995 – N.º 2.

_____. Artigo: Congregatio Pro Episcopis. Estatuto do Ordinariato Militar do Brasil. Brasília – DF, Jul/Ago/Set/94. **A VOZ MISSIONÁRIA.** A Revista da mulher e da família. Reportagem com o Capelão Juvenal. São Bernardo do Campo, 1995 – ANO 65 – N.º 4 - IV trimestre, p. 12-14.

BOLETIM DA CAPELANIA do Comando Militar do Oeste(CMO). N.º 2 jan/fev 1991. Artigo do Capelão José das Dores Gonçalves-Cap. “alocução para dia SAREx”

BOLETIM do INTERNO. N.º 52, do 11º RI, de 22 de fevereiro de 1945.

BOLETIM do EXÉRCITO. n.º 23 e 25, de 1944.

DECRETO LEI. n.º 747, de 24 de dezembro de 1850.

DECRETO LEI. n.º 5.679, de 27 de junho de 1874.

DECRETO LEI. n.º 5.573, de 26 de maio de 1944.

DECRETO LEI. n.º 8.921, 26 de janeiro de 1946 (Diário Oficial da União, 29/01/46).

DECRETO LEI n.º 20.680, 28 de fevereiro de 1946 (Diário Oficial da União, 2/03/46).

DECRETO LEI. n.º 51.429, 13 de março de 1962 (Diário Oficial da União, 14/03/62).

DECRETO LEI. n.º 5.711, de 8 de outubro de 1971.

DECRETO LEI. n.º 6.923, de 29 de junho de 1981.

DEFESA NACIONAL. Sentido! são as cinzas dos mortos da FEB que passam. XL, n.º Dez de 1954, p. 111-112p. Artigo do Capelão José Busato.

_____. Do Cemitério de Pistóia. ano XLI, n.º Jan de 1954, 125-126p.

NAÇÃO ARMADA, n.º 68, 1945 - 114-115p. Artigo extraído do livro do Marechal Mascarenhas de Moraes.

NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO. Dia do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Brasília, 1976 – 13/02/76 – ANO XIX – N.º 4.511.

_____. Dia do Serviço de Assistência Religiosa. Brasília:

CcomSEx, 1984, 13/02/84 – ANO XXVII – N.º 6.458.

_____. Dia da Assistência Religiosa. Brasília: CcomSEx, 1991, 13/02/91 – ANO XXXIV – N.º 8.152.

_____. Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Brasília: CcomSEx, 1994, 13/02/94 – AN) XXXVII – N.º 8.755.

_____. ASSISTÊNCIA RELIGIOSA. Paz de Espírito par os que lutam pela paz. Brasília: CComSEX, 1995, 13/02/95 – ANO XXXVIII – N8.932.

_____. 13 Fev – Dia do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Frei Orlando – Patrono do SAREx. Brasília: CcomSEx, 1996, 13/02/96 – ANO XXXIX – N.º 9.077.

_____. Dia do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Brasília – DF, 6ª Feira, 13 de fevereiro de 2004 – ANO XLVII n.º 10.133.

O JORNAL BATISTA. Domingo, 16/05/2004. Artigo sobre a origem da capelania militar Evangélica no Brasil. Anderson Adriano Silva Faria.

O AEROMÓVEL. Informativo da 12ª Brigada de Infantaria Leve. Artigo sobre o dia do SAREx. Pe. João Batista. ANO III-n.º 07 – ABRIL/2004.

PORTARIA MINISATERIAL n.º 995, de 9 de outubro de 1972.

SITE do SAREx. www.exercito.gov.br.

VERDE OLIVA. Revista do Exército Brasileiro. Artigo sobre Frei Orlando. "Orai por nós": 23, (144), mai/jun 1995.

BIBLIOGRAFIA

AZZI, Riolando. A . Igreja e o Exército. Mimeo. S/data.

_____. A união entre a Cruz e a Espada. Mimeo, 1999.

AZEVEDO, Israel B. de. João Filson Soren. O Combatente de Cristo. Rio de Janeiro, PIB/RJ, 1995.

ANDRADE, Delmiro P. O 11º R.I na 2ª Guerra Mundial, BibliEx, 1950.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo Perspectiva, 2001.

BORGES FILHO, Nilson. Sobre o Sagrado e o Profano – Civis e Militares na Política

Brasileira. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

BRANCO, Manoel. T. C. O Brasil na II Grande Guerra. Rio de Janeiro, BibliEx, 1960.

BRAGA, Rubem. Crônicas da guerra na Itália. Rio de Janeiro: BibliEx, 1996. 329p.

CAIRNS, E. E. O Cristianismo através dos séculos. Uma história da Igreja Cristã: São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 411-412.

CARDOSO, Ciro Flamarion e Hector Pérez Brigndi. Os Métodos da História. Rio de Janeiro: Gaal, 1981.

CARVALHO, Nelson R. de. Do Terço Velho ao Samapaio da FEB. Campanha Editora Americana, BibliEx, 1953, 263p.

CASTRO, Celso. O Espírito Militar – Um estudo de antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

CORVISIER, Andre D. A Guerra. Rio de Janeiro, BibliEx, 1999. 274-300p.

ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO. História do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: BibliEx, 1972.

JOHNSON, Paul. História do Cristianismo. Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.

NADAI, E e NEVES, J. História do Brasil. Da Colônia à República. São Paulo: Saraiva, 1991.

PALHARES, Gentil. Frei Orlando. O Capelão que não voltou. Rio de Janeiro, BibliEx 1989, 353p.

_____. Do São João del-rei ao Vale do pó. Rio de Janeiro: BibliEx, 1957. 469p.

PERNOUD, Régine. Os Templários. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

PILLAR. Olyntho. Gen. Os Patronos das Forças Armadas. Rio de Janeiro: BibliEx, 1981.

PINHEIRO José J. B. A Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Resumo Histórico. Rio de Janeiro: Sobral, 1980.

KEEGAN, John. A Face da Batalha. Rio de Janeiro: BibliEx, 2000.

LOPES, José Machado. Mal. 100 vezes responde a FEB. Rio de Janeiro: Editora Polar, 1986.

MANUAL DE INSTRUÇÃO RELIGIOSA PARA OS MILITARES DO EXÉRCITO BRASILEIRO. (PIM). Coletânea de Palestras. Departamento Geral de Pessoa (DGP), 2002.

MORAES, E. Vilhena. O Duque de Ferro. Novos Aspectos da Figura de Caxias. Rio de Janeiro: BibliEx, 2003.

NETO, Edmundo. L. de Alencar. “...com a Mão sobre a Cruz e a Bandeira Nacional... A Igreja Católica e o Exército: da República Velha ao Estado Novo – uma abordagem sócio-histórica”. Dissertação de Mestrado, UFJF, 2002.

RODRIGUES, Agostinho. J. Terceiro Batalhão: O Lapa Azul. Rio de Janeiro: BibliEx, 1985.

SILVEIRA, Antorildo. O Sexto Regimento de Infantaria Expedicionário. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1946.

SILVEIRA, Joaquim. M. X da. A FEB por um soldado. Rio de Janeiro: BibliEx, 2001.

SIMÕES, Raul. M. A A presença do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Uma Antologia. Rio de Janeiro: BibliEx, 1966.

SCHIRMER, Pedro. Cel. DAS VIRTUDES MILITARES. Rio de Janeiro: BibliEx, 1987.

WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1982